

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

LAÍS CRISTINA OLIVEIRA COSTA

**A LEITURA DO *CHICK LIT* E SUAS INFLUÊNCIAS PARA A EMANCIPAÇÃO
FEMININA: qual é a perspectiva do bibliotecário?**

São Luís

2024

LAÍS CRISTINA OLIVEIRA COSTA

LEITURA DE *CHICK LIT* E SUAS INFLUÊNCIAS PARA A EMANCIPAÇÃO

FEMININA: qual é a perspectiva do bibliotecário?

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção de grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Mary Ferreira.

São Luís

2024

LAÍS CRISTINA OLIVEIRA COSTA

LEITURA DE *CHICK LIT* E SUAS INFLUÊNCIAS PARA A EMANCIPAÇÃO

FEMININA: qual é a perspectiva do bibliotecário?

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção de grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Mary Ferreira (Orientadora)
Doutora em Sociologia – UNESP
Universidade Federal do Maranhão

Profª. Me. Maria Clea Nunes
Mestre em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Profª Dra. Dirlene Santos Barros
Doutora em Ciência da Informação
Universidade Federal do Maranhão

À Maria Hilda

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Maranhão, por proporcionar todos os meus anos de estudo;

Ao Departamento de Biblioteconomia, em especial a todos os professores e professoras que estiveram envolvidos no meu aprendizado, pelas aulas profícuas e orientações necessárias para a construção do meu eu profissional;

Ao Programa de Educação Tutorial, foram dois anos de muito conhecimento, pesquisa e práticas bibliotecárias que me enriqueceram, portanto, muito importantes para mim. Agradecimento em especial à tutora Glória Alencar;

Às turmas de 2020.2 e 2021.1 da disciplina Leitura e Formação de Leitores e à professora Leoneide Martins, pela experiência proveitosa que obtive ao ser monitora;

À minha orientadora, Dra. Mary Ferreira, por ter acreditado na minha pesquisa quando eu tinha perdido o espírito. Sempre com conselhos e direcionamentos frutíferos para minha carreira acadêmica e eu não poderia estar mais agradecida pela paciência, tempo e dedicação;

À banca da minha defesa, às professoras Dirlene Barros e Maria Cléa Nunes, obrigada por todos os apontamentos gentis e construtivos para a minha pesquisa. Foi uma honra ser aluna de vocês que são profissionais e humanas;

À Casa de Cultura Josué Montello, especialmente às bibliotecárias Joseane Souza e Wanda França, como também as colaboradoras Kédia Brandão, Vanessa Campos, Izabel Pereira e Maria Izabel Cardoso. Obrigada por fazerem meus anos de estágio a melhor experiência da minha vida;

À minha família, por todo apoio durante minha graduação;

Aos meus amigos que estiveram nesse capítulo da minha vida, trazendo felicidade e amparo em momentos difíceis. Obrigada por tudo, pessoal;

Ao Dr. Sérgio Tamer, pelo incentivo a minha pesquisa e que possibilitou que eu a desenvolvesse. Muitíssimo obrigada!

Aos livros que foram meu porto seguro, minha fonte de serotonina e de aprendizado, minha motivação e meu maior acalento. Sou feita de palavras, frases e pontuações, graças a eles, não sucumbi.

“Não sou um pássaro. Não estou presa em nenhuma gaiola. Sou um ser humano livre, com vontade independente.”

Brontë (2018, p. 267).

RESUMO

Investiga a percepção do (a) bibliotecário (a) sobre a utilização dos livros *chick lit* como instrumento para abordar emancipação feminina no ambiente da biblioteca. Discorre sobre a trajetória do romance na Europa e no Brasil, os conceitos e características do *chick lit*, as discussões do feminismo e a atuação do (a) bibliotecário (a) sobre o assunto. Em relação aos procedimentos metodológicos, a pesquisa se configura como quanti-qualitativa com natureza bibliográfica e de campo. A coleta de dados foi realizada nas redes sociais de 27 bibliotecários (as) atuantes em bibliotecas públicas e privadas de São Luís. Este estudo oferece uma interação entre a atuação do bibliotecário (a) e o gênero literário *chick lit*. Conclui-se que, diante da amostra aleatória do resultado e da análise dos dados, os (as) bibliotecários (as) utilizariam os livros de *chick lit* como ferramenta para trabalhar esses temas nas Unidades de Informação, como também consideram que as narrativas que esses livros carregam com representatividade de protagonistas mulheres e suas atribulações na vida moderna como contribuições para a emancipação feminina. Foi possível analisar também, a partir da amostra, a falta de atividades elaboradas pelos bibliotecários que possam ser trabalhadas na biblioteca com o intuito de fomentar a discussão do machismo, feminismo e emancipação feminina.

Palavras-chave: Emancipação feminina. Empoderamento feminino. Literatura *chick-lit*. Bibliotecário de São Luís.

ABSTRACT

The research investigates the perception of librarians regarding the use of chick lit books as a tool to address women's emancipation in the library environment. It discusses the trajectory of the novel in Europe and Brazil, the concepts and characteristics of chick lit, feminist discussions, and the role of librarians in this context. As for the methodological procedures, the research is classified as quantitative-qualitative, with a bibliographical and field nature. Data collection was carried out on the social media profiles of 27 librarians working in public and private libraries in São Luís. The study provides an interaction between the librarian's role and the chick lit literary genre. It is concluded, based on the random sample and data analysis, that librarians would use chick lit books as a tool to address these themes in Information Units. Additionally, they consider that the narratives of these books, with representative female protagonists and their struggles in modern life, contribute to women's emancipation. From the sample analysis, it was also possible to observe the lack of activities developed by librarians that could be implemented in the library to foster discussions on sexism, feminism, and women's emancipation.

Keywords: Women's emancipation. Feminine empowerment. Chick lit literature. Librarian of São Luís.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O PERCURSO DO GÊNERO ROMANCE E A ESCRITA FEMININA: percorrendo passos históricos até o universo do <i>chick lit</i>	13
2.1 Chick Lit.....	19
2.2 A Emancipação das Mulheres	26
3 AGENTES DA LEITURA E DAS MUDANÇAS SOCIAIS: bibliotecário em foco	33
4 RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS	38
5 CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE A	54

1 INTRODUÇÃO

O romance consiste em um gênero literário muito conhecido e apreciado mundialmente com vários tipos de vertentes. Uma delas é o *chick lit* que tem como característica uma linguagem coloquial e bem-humorada, que atrai o interesse das mulheres. Observa-se que nesses livros, as mulheres são protagonistas, não só como personagens principais, mas por serem maioria na escrita dessas obras. Alguns exemplos de títulos: O Diário de Bridget Jones, Os Delírios de Consumo de Becky Bloom, Melancia, Uma Noite com Audrey Hepburn, O Diabo veste Prada, A Hipótese do Amor, Sem Ofensas, Fazendo meu filme, Poderosa, A Razão do Amor, Você me ganhou no Olá.

Diante disso, as discussões atuais mostram uma tendência para o debate focado nas relações de gênero, que está sendo apresentado em vários aspectos da mídia, do entretenimento e do mercado editorial; como por exemplo, a partir de artistas globais como a Beyoncé que promove o empoderamento feminino por meio de seu trabalho em letras de músicas, apresentações em *shows* e videoclipes (Tenório, 2022) ou de movimentos como o *Me Too* de *Hollywood* que progrediu para vários setores do mercado de trabalho incentivando as mulheres a denunciarem casos de assédio sexual (Veloso, 2019) e até pela Organizações das Nações Unidas (ONU) por meio da Agenda 2030, que estabelece a igualdade de gênero como 5º objetivo de desenvolvimento sustentável, intitulado como “Igualdade de gênero: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” (Gois, 2021).

Assim sendo, o gênero literário *chick lit* acompanha esses debates por apresentar em suas histórias protagonistas mulheres que narram seus desafios em um mundo patriarcal, tanto no meio acadêmico quanto no ambiente de trabalho, e se manifestam como independentes, com metas e sonhos que não envolvem somente um relacionamento amoroso com um homem (Diogo, 2014).

Diante dessa perspectiva, é então possível inferir que a discussão de gênero se torna presente nessa literatura; a luz da ideia defendida por Simone de Beauvoir (2009, p.288) quando afirma que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, é perceptível a relevância desse tipo de literatura para o debate da vivência feminina já que são livros que trazem a possibilidade de externar suas visões de mundo e suas experiências que, por muito tempo na história, foram silenciadas.

Nesse aspecto, percebe-se que há um menosprezo pela sociedade patriarcal do que provém da mulher. Beauvoir (2009, p.20) aponta isso ao discorrer sobre a percepção do homem em relação ao termo fêmea, tido como “desprezível e inimigo”, enquanto o termo

macho é motivo de orgulho. Essa visão pode ser percebida nas desqualificações das produções feitas por mulheres, em todos os âmbitos da sociedade, sendo uma empresária, doutora ou escritora de livros do gênero *chick lit*. Situações essas que podem ser exemplificadas a partir da diferença salarial de homens e mulheres ocupando o mesmo cargo, a falta de representação de mulheres em posições de liderança, além dos estereótipos de gênero em que subestimam a capacidade das mulheres em exercer atividades que são consideradas masculinas.

Assim, é possível questionar se as difusões de informação através dos conteúdos transcritos nesses livros *chick lit* são pertinentes para se discutir a emancipação feminina. O pressuposto é que os livros se tornam importantes na formação de mentalidades que possam superar relações de subalternidades, de opressão, permite que o leitor ou a leitora se perceba no personagem e em situações expostas, contribuindo para sua reflexão e superação, ou seja os livros são considerados materiais pedagógicos, educativos e informativos de relevância para o desenvolvimento de atividades na escola e nas universidades e, seguindo esse raciocínio, o *chick lit* também faz parte dos materiais informativos que podem ser disponibilizados nesses locais. O livro é um dos canais mais acessíveis para se discutir temas como o feminismo, ainda mais se for em uma linguagem que atraia um público abrangente, sem utilizar de termos complicados e teorias confusas que afastam a mensagem do público. bell hooks (1984, p.7) assinala essa questão ao apontar que “[...] se permanecer confinada, a mensagem feminista não será ouvida, e o movimento acabará fenecendo”.

Desse modo, é importante estudar a dimensão social, política e pedagógica e cultural deste tipo de literatura para as mulheres ludovicenses e como pode se constituir como canal informativo no processo de emancipação feminina, por serem livros com uma linguagem coloquial, conhecidos e de fácil acesso. O curso de Biblioteconomia, então, apresenta-se como necessário para protagonizar esse debate, por ser uma área voltada para a sistematização e disseminação da informação. Por ser um profissional em que o seu objeto de trabalho é a informação, o bibliotecário se torna um agente social e político; por sua função de incentivo e a mediação à leitura, estímulo ao conhecimento e, conseqüentemente, responsável pelas mudanças sociais que essas atividades contribuem. No entanto, de acordo com os estudos de Martins e Ferreira (2018), a formação política do bibliotecário é frágil, há pouco investimento nessa área, a maioria dos cursos priorizam os estudos técnicos da profissão, fato que incide na pouca inserção deste profissional nos movimentos sociais e políticos.

O interesse em explorar o *chick lit* surge da necessidade de promover o diálogo sobre o feminismo no campo da Biblioteconomia. Esta escolha se destaca entre diversos gêneros

literários devido à sua característica singular de apresentar uma linguagem universal, elaborada por autoras que compartilham suas experiências de maneira acessível, possibilitando uma discussão aberta sobre questões como machismo, empoderamento feminino e emancipação das mulheres. A relevância desta pesquisa reside na sua capacidade de sensibilizar o tema feminismo nas práticas diárias dos bibliotecários. Isso se alinha não apenas com as diretrizes profissionais relacionadas à disseminação de informações, mas também destaca o papel social e político do bibliotecário na construção ativa da igualdade de gênero na sociedade. Dessa forma, a pesquisa busca despertar o interesse e promover ações concretas no sentido de incorporar o feminismo de maneira mais efetiva na Biblioteconomia.

Diante do exposto, a pesquisa tem como disposição apresentar a definição do termo *chick lit* e investigar, na percepção dos bibliotecários, quais as contribuições para a emancipação de gênero que este gênero literário propõe. Com este propósito, as questões que norteiam essa pesquisa são: o gênero literário *chick lit* pode auxiliar na emancipação feminina? Os livros desse gênero podem ser utilizados como instrumento de informação para a discussão de gênero? Os livros deste nicho podem ser trabalhados em Bibliotecas para se discutir esses temas? Para responder esses questionamentos foi estabelecido o seguinte objetivo: Analisar as repercussões do gênero literário *chick lit* pela perspectiva do bibliotecário que atua em Bibliotecas públicas e privadas de São Luís (MA) e evidenciar os efeitos destes livros para a discussão de emancipação feminina nas mulheres ludovicenses.

O percurso metodológico foi embasado na revisão bibliográfica em livros, artigos, periódicos e sites que possuíam assuntos relativos aos temas, utilizou-se a base de dados Google Acadêmico e o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) CAPES com pesquisa através de palavras-chave: *chick lit*, feminismo, feminismo na Biblioteconomia, bibliotecários na atuação política. Para Brizola e Fantin (2016, p.27), a revisão de literatura “[...] nada mais é do que a reunião, a junção de ideias de diferentes autores sobre determinado tema, conseguidas através de leituras, de pesquisas realizadas pelo pesquisador.” Com base nesse estudo, a revisão de literatura é indicada como essencial para auxiliar o pesquisador no foco da pesquisa, de forma a não desperdiçar tempo por questões secundárias.

A pesquisa tem as abordagens metodológicas quantitativa e qualitativa que, apesar de serem distintas, são utilizadas aqui em conjunto por serem complementares, visto que a quantitativa envolve os dados, enquanto a qualitativa é responsável pela análise de importantes aspectos da condição do sujeito (Severino, 2017). Portanto, se desenvolve através da coleta de dados a partir de aplicação de questionário com questões abertas e fechadas em

bibliotecários atuantes das redes públicas e privadas de bibliotecas em São Luís, por meio do aplicativo *Google Forms* e sendo divulgado pelo aplicativo *Whatsapp*. O questionário foi escolhido pelo fato de ser uma forma eficaz e consolidada de obtenção de dados, além de permitir uma maior flexibilização por parte dos respondentes no que tange ao seu preenchimento. Em relação a análise dos dados, é feita com base nos autores Walter e Baptista (2007), Ferreira (2019), Diogo (2014) e Wieler (2015).

A presente monografia foi dividida em seções e subseções, em que a primeira é a introdução; a segunda trata sobre o percurso e as peculiaridades do gênero romance na Europa e no Brasil, utilizando autores como Watt (1957), Augusti (2000) e Cândido (2004). Posteriormente, o *chick lit* é o foco, com uma subseção dedicada a trazer conceitos e debates sobre esse nicho a luz de estudos de Diogo (2014), Wieler (2015) e Sant'anna (2016). A segunda subseção aborda sobre o feminismo, trazendo questões relativas sobre o assunto com teóricas reconhecidas da área como Beauvoir (2009), Hooks (2019), Butler (2019), Ferreira (2019), Lerner (2019) e Perrot (2007). A terceira seção é elaborada com o eixo da política na Biblioteconomia, principalmente sobre o feminismo entre os bibliotecários, em que retrata esse panorama a partir dos estudos de Valetim (2018), Martins e Ferreira (2018) e Gois (2021). A penúltima seção se destina para o resultado e as análises de dados e a última é a conclusão.

2 O PERCURSO DO GÊNERO ROMANCE E A ESCRITA FEMININA: percorrendo passos históricos até o universo do *chick lit*

Lançado em 1719, Robinson Crusoe transforma a forma de contar histórias de ficção e consolida um novo gênero literário que é conhecido no mundo todo: o romance. O termo se consagra em meados do final do século XVIII com esse título, mas também com as publicações do Samuel Richardson e Henry Fielding, autores de *Pamela; or Virtue Rewarded* (1740) e *A História das Aventuras de Joseph Andrews e seu Amigo o Senhor Abraham Adams* (1742). Essas informações são encontradas no livro *A Ascensão do Romance*, escrito por Ian P. Watt (1957) que faz um resgate da origem desse gênero literário e suas peculiaridades.

O autor Watt (1957) defende que o romance só toma forma como um novo gênero literário quando se distancia da configuração anterior das histórias que eram veiculadas na Grécia Antiga e na Idade Média, que tinha como característica principal a de seguir as tendências gerais da cultura na qual estavam inseridas, em que havia uma aceitação à prática tradicional, como por exemplo, o critério do tratamento dado pelo autor a partir das ideias de decoro vindas dos modelos aceitos de gênero. Pode-se afirmar que o romance desafia esse tradicionalismo, pois a avaliação principal transfigura-se na fidelidade à experiência individual, que é sempre singular e nova, com o foco em retratar todo o tipo de experiência humana. Essa concepção subentende-se que o realismo se torna um atributo principal do gênero, que foi inaugurado por Richardson e Fielding sem ter sido definido todas as suas nuances, sendo este um trabalho feito por historiadores do romance atuais que alegam que o realismo proposto aqui não significa que as obras anteriores só se empenhavam a manifestar o irreal.

O autor esclarece que as primeiras associações críticas ao termo realismo vieram da escola dos realistas franceses:

Em consequência a palavra “realismo” passou a ser usada basicamente como antônimo de “idealismo” e nesse sentido – que na verdade reflete a posição dos inimigos dos realistas franceses – permeou boa parte dos estudos críticos e históricos do romance (Watt, 1957, p. 10).

É importante frisar que os realistas franceses colocaram o gênero como “[...] produto de uma análise da vida mais desapaixorada e científica [...]” (Watt, 1957, p.11) em que se diferencia por não projetar uma humanidade a base de quadros pré-estabelecidos de boa conduta. O autor acima assinala que a primeira tentativa de limitar as peculiaridades do

romance, pelos realistas franceses, foi o de trazer uma perspectiva epistemológica, em que se estuda a obra por seu problema na imitação e sua correspondência com a realidade.

Essa correspondência faz com que muitos leitores criem a expectativa de que as histórias e os personagens são reais, já que retrata cenários do cotidiano, desenvolve personagens que passam por situações de vivência humana, apresenta suas experiências, seus conflitos e pensamentos. Augusti (2000) expõe essa questão ao fazer um resgate de um estudo de Darnton sobre um leitor de Rousseau que acreditou piamente que as cartas colocadas na obra “Júlia ou a Nova Heloísa” realmente existiram. No mesmo estudo, é apresentado o caso de Alexandre Dumas, que aproveitou essa dinâmica de “pseudo verossimilhança” também ao enviar uma carta aos seus leitores explicando o atraso de sua publicação (na época em folhetins) causada pela investigação que fazia da vida dos personagens de O Conde de Monte Cristo, que sempre foram fictícios.

Diante dessas situações, é possível perceber a relevância que o gênero romance possui, não só por fazer com que as pessoas acreditassem que realmente era real, mas também por fazer com que seguissem suas vidas como que era representado nas obras, como se fosse um norteador de comportamento, sendo este efeito uma consequência do leitor ter se identificado com a obra e seus personagens. A partir dessa análise, Cavallo e Chartier (1998, p. 29) ressaltam essa sensibilidade exacerbada:

[...] O leitor (geralmente uma leitora) não pode conter nem sua emoção nem suas lágrimas; perturbado, toma a ele mesmo a pena para dizer seus sentimentos e sobretudo para escrever ao escritor que, por meio de sua obra, tornou-se um verdadeiro orientador de consciência e de existência.

Ao afastar-se da preocupação em ser um manual de boa conduta, o romance tornou-se um problema para os moralistas e religiosos, ainda mais com essa característica de ser capaz de fazer os leitores desenvolverem empatia e identificação com a história contada. Augusti (2000) assinala que a literatura religiosa se modelava a partir dos exemplos bons da vida dos santos, dos tratados de moral e manuais de conduta. Enquanto isso, o romance exibía aos leitores comportamentos virtuosos e viciosos, o que o tornava uma ameaça a instituições sociais por poder eventualmente influenciar comportamentos e valores não ortodoxos com a exposição a conteúdo sexual explícito, abordagens de relações extraconjugais, foco excessivo nas emoções, entre outros (Abreu, 2005).

Em análise sobre este fato, a real preocupação dos religiosos e conservadores, principalmente da Igreja, era o de perder seu controle e influência, já que o romance mostrou ser muito mais que um simples gênero literário. De acordo com o estudo de Moretti (2003)

apud Melo (2007, p. 78) o romance se apresenta como forma simbólica do Estado-Nação em que na sua “estrutura abstrata” se constitui uma força da geopolítica moderna, por ser um produto dos “[...] processos de modernização, industrialização, melhoria do sistema de comunicação, unificação do mercado nacional e formação da sociedade burguesa”. Diante desse panorama, é possível entender a apreensão dos religiosos diante deste gênero que se mostra uma consequência de uma transformação social.

Concomitante a isso, Soares (2011, p. 302-303) aponta que:

Portanto, os romances podem ser incluídos como um meio de expressão da subjetividade, pelo viés de sua autoria individual, e também de construção de subjetividade, a partir do entendimento de que os romances evidenciam e provocam conteúdos do seu contexto social. Compreende-se que a cisão entre o indivíduo e sociedade não é passível de se realizar, pois indivíduo e sociedade transformam-se mutuamente.

Além da representação da realidade e da identificação dos leitores, outro motivo que levou o romance a ter grande popularidade foi a adesão de títulos nas bibliotecas da Londres do século XVIII, como indicado por Watt (1957), em que o fator econômico ditava quem poderia ler um livro, já que apenas os abastados tinham condições para custear o aprendizado da leitura e da escrita, bem como na compra de um título. Isso passa a ser modificado com a chegada das bibliotecas públicas e circulantes, favorecendo a expansão do público leitor, principalmente dos mais desfavorecidos financeiramente, nesse período:

A maioria das bibliotecas circulantes continham todo o tipo de literatura, porém o romance constituía a principal atração [...]. Foi também a forma literária que suscitou o maior volume de comentários contemporâneos sobre a extensão da leitura às classes inferiores. [...] Assim, é provável que até 1740 o alto preço dos livros impedisse que uma parcela substancial do público leitor tivesse participação integral na vida literária e que essa parcela se compusesse basicamente de possíveis leitores de romance, muitos dos quais seriam mulheres (Watt, 1957, p. 41)

Portanto, as bibliotecas circulantes possibilitaram a vários setores a oportunidade de empréstimo de título e, em conjunto com a atividade de leitura em voz alta, o gênero romance virou um sucesso e as bibliotecas circulantes se multiplicaram por toda a Inglaterra. Outro fator que impulsionou o estabelecimento de bibliotecas públicas, foi o incentivo dos industriais europeus, pois presumiam que, ao oferecer aos operários uma boa leitura estariam arrefecendo levantes. Ademais, queriam uma literatura que afastasse os operários da bebida e de ideias socialistas, no entanto o plano não teve sucesso completo pois os leitores sempre escolhiam obras de entretenimento (Abreu, 2005).

Mesmo diante da grande popularidade, as narrativas romanescas eram bastante criticadas, principalmente por boa parcela de seu público ser formado por leitoras,

Vasconcelos (2009) assinala que desde a aurora do gênero, as mulheres estavam bem próximas desse universo e que não o bastante, sempre foram as protagonistas e seu público consumidor. Para o citado autor, o resultado disso foi o medo da imitação que o romance poderia causar, além de poder induzir transgressões e comportamentos abomináveis para a reputação das mulheres e jovens.

E ainda continuando por essa seara, a explicação inicial dada pelo Watt (1957) de por quê esse gênero foi tão consumido pelas mulheres de classe média - desde o século XVIII - se deve ao fato da grande quantidade de tempo livre e pela vida sedentária que tinham nesse período, em função de não poderem participar da maioria das atividades masculinas (como negócios e divertimento).

Mesmo sendo criticado, é inegável o sucesso do romance que arrebatou leitores não só na Inglaterra, mas também na França. O primeiro gabinete de leitura em Paris foi inaugurado em 1759 e os franceses também se afeiçoaram as histórias descritas nessas obras, que foram traduzidas, mas não seguiam fidelidade, devido as diferenças culturais e morais entre ingleses e franceses. Essa suavização dos romances pelos tradutores ocasionou ainda mais a disseminação do gênero (Abreu, 2005).

Para Abreu (2005), a atuação francesa também foi decisiva no Brasil, tanto como tradutora dos livros ingleses, como também produtora original de romances, visto que a presença de livros franceses era forte desde o século XVIII.

Em relação ao Brasil, o romance escrito por brasileiros somente se consolida em 1980, como indicado por Sales (2011), levando em consideração as publicações de Teixeira e Sousa e Joaquim Manuel de Macedo. Porém, tendo em conta os textos em prosa de ficção e também ao avaliar as características das produções literárias do século XIX, pode-se teorizar também que esse gênero começou a surgir duas décadas antes de 1940.

É importante destacar sobre a situação do país antes de 1808: não havia universidades, tipografias e nem periódicos, como também era insatisfatória as bibliotecas, pois eram poucas e limitadas aos conventos; este cenário só se altera com a chegada da família Real que possibilita uma pequena transformação social e cultural a nação (Cândido, 2004).

No entanto, o público leitor constituído, nessa época, era reduzido e formado pela burguesia que movimentava gabinetes de leituras e bibliotecas circulantes, como apontado por Cruz (2011). Não se pode desconsiderar que o grande número de analfabetos interditava o direito da maioria de ter acesso ao livro e dos espaços destinados a leitura como os gabinetes e as bibliotecas. A autora relembra também a censura feita pela Imprensa Régia que controlava os materiais impressos e influenciava diretamente no desenvolvimento do livro, e que

somente em 1821, o então D. João VI regulou a liberdade de imprensa no Brasil e assim possibilitou mudanças no cenário das publicações do país.

Mesmo diante desses obstáculos, em um país ainda dando seus primeiros passos na sua formação leitora, um dos primeiros romances de sucesso no território brasileiro foi *A Moreninha* (1844), escrito por Joaquim Manuel de Macedo, que narra a vida de quatro estudantes de medicina durante um fim de semana. Além do exagero sentimentalista, a obra também tem como característica a presença do humor, o que traça um paralelo do início da tradição cômica do romance e a existência de uma prosa brasileira como apontado por Boechat (2005).

O *Guarani* (1857) de José de Alencar também foi um dos romances pioneiros de sucesso, embora, as pessoas não tivessem acesso ao livro ou não soubessem ler, elas participavam dos saraus ou clubes de leitura para ouvir o enredo, o que possibilitava a eles o acesso a literatura (Cruz, 2011). A história de amor entre Ceci, que é filha de um espanhol, e o Peri, que é um indígena brasileiro se transformou em um dos romances brasileiros de maior expressão e responsável pela formação de um herói nacional e na construção da identidade do Brasil (Almeida, 2016).

Outro romance de grande repercussão, tanto nacional quanto internacional, é *Dom Casmurro* (1899), escrito por Machado de Assis, o renomado autor brasileiro. A narrativa é apresentada em primeira pessoa pelo personagem Bento Santiago, conhecido como Dom Casmurro, que relata suas memórias, dilemas e reflexões ao longo da vida. Capitu, a personagem mais emblemática da literatura brasileira, é apresentada como sua amiga de infância e esposa, sendo marcada pela suspeita de traição.

A suspeita e, em alguns casos, a afirmação da traição de Capitu ficaram enraizadas no imaginário popular por várias décadas. No entanto, trabalhos críticos significativos, como os de Antônio Cândido em *Esquema* de Machado de Assis (1968) e Ana Maria Machado em *A Audácia dessa Mulher* (1999), ofereceram uma perspectiva alternativa sobre a complexidade da personagem, levando em conta o contexto social da época e a falta de seu ponto de vista na história (Nóbrega, 2017).

Dados alguns exemplos de sucesso desse gênero literário no Brasil, uma explicação do motivo que levava tantos brasileiros a gostarem do gênero romance é segundo Cândido (2004, p.41): “O brasileiro parecia gostar de ver descritos os lugares, os hábitos, o tipo de gente cuja realidade podia aferir, e que por isso lhe davam a sensação alentadora de que o seu país podia ser promovido à esfera atraente da arte literária.”

Sobre o ponto de vista feminino na literatura brasileira, somente em 1859 é lançado o primeiro romance escrito e protagonizado por uma mulher no Brasil. *Úrsula* é uma obra pioneira ao abordar questões sociais, raciais e de gênero em um contexto escravocrata. Maria Firmina dos Reis escreve seguindo a cartilha de obras de romance, ou seja, com um tom sentimentalista, mas adota um discurso político vanguardista para a sua época, sendo reconhecida como precursora do romance abolicionista (Muzart, 2013).

Na perspectiva da escrita feminina, Virginia Woolf (2015, p.17) destaca que as mulheres, ao optarem por se dedicar à escrita, frequentemente se veem na situação de interromper seus escritos para lidar com outras demandas internas. Ela afirma: “na verdade, penso eu, ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar com um fantasma que precise matar, uma rocha que precise enfrentar”.

Neste discurso, Woolf destaca a carga que a mulher carrega ao lidar com padrões impostos por uma sociedade machista, que exige que ela se comporte de maneira agradável, pura e que restrinja a expressão de suas opiniões. Essa imposição cria um conflito ao assumir o papel de escritora de romances, pois nesse contexto ela se vê compelida a narrar eventos que destoam das expectativas tradicionalmente associadas à natureza feminina.

Mesmo diante desse cenário, algumas autoras conseguiram superar tais barreiras, apresentando romances marcantes nos quais exploraram eventos de natureza humana, abordando paixões intensas e tragédias. Emily Brontë é um notável exemplo, e seu livro “*O Morro dos Ventos Uivantes*” (1847) provocou considerável debate em sua época devido à intensidade das situações violentas que abordou.

Hearthcliff, o personagem principal, tem como objetivo a vingança e não tem escrúpulos para atingir suas metas, desde a seduzir a irmã do seu inimigo, matar cachorro, abusar psicologicamente de outros personagens. De acordo com Nogueira e Castro (2011), esse romance acontece nos primeiros anos do século XIX, período em que o movimento feminista ainda era pequeno, mas ainda assim, apresenta personagens femininas de grande personalidade e que se destacam diante do protagonista, como a Catherine Linton e Nelly.

Irmã de Emily Brontë, Charlotte também se aventura pela escrita e lança *Jane Eyre* (1847), que tem nuances progressista ao narrar a história da protagonista Jane que já se distancia das expectativas tradicionais de casamento ao sonhar em tornar-se governanta e conquistar sua independência financeira. Nessa narrativa, a história de vida de Jane é passada para os leitores, desde sua infância, marcada por abusos de sua tia, até sua vida adulta em que se apaixona por um homem casado, o Mr. Rochester, que passa a ser seu dependente financeiro depois que ele perde tudo após um incêndio.

Diante desses exemplos de escrita feminina, é imprescindível mencionar Clarice Lispector, renomada escritora brasileira. A autora tem como característica adentrar na alma de homens e mulheres e expressar com naturalidade ambos os sexos. Conforme Poli (2010, p.439), Clarice “[...] escreve como mulher; não da mulher, nem sobre a mulher, mesmo que também o faça. Para além do conteúdo de seu trabalho, seu estilo é feminino”.

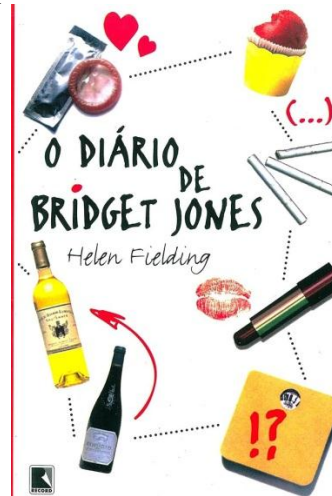
No que concerne a nota feminina na literatura, Wolf (2015) ressalta que, ao descobrirem suas próprias vozes, as mulheres têm algo a compartilhar entre si. Mesmo que o valor dessas expressões ainda não esteja plenamente definido, as mulheres conferem um significado e interesse mais profundos às narrativas escritas por outras mulheres, promovendo uma conexão intrínseca entre as experiências femininas.

Diante do exposto, a partir das vivências femininas, emerge um gênero literário que compartilha características do romance, ou seja, é um subgênero, que arrebatou leitoras por todo o mundo, produzindo adaptações para o cinema e para as séries de TV, tendo as características de linguagem fácil, bom humor e obstáculos do cotidiano moderno. Esse é o *chick lit*, gênero literário de mulheres para as mulheres.

2.1 Chick Lit

A partir dos estudos de Diogo (2014), delimita-se a criação do *chick lit* com a publicação de *O Diário de Bridget Jones*, lançado em 1996, que é inspirado no romance da Jane Austen, *Orgulho e Preconceito*. A narrativa conta as tribulações de sua protagonista, Bridget, que as escreve em um diário – confessando seus defeitos, frustrações, vícios e suas opiniões imprecisas. Detalhe que envolve essa trama e a de todos os livros desse gênero são as relações românticas que as protagonistas devolvem durante o decorrer da história, e sobre isso, Soares (2021, p.2) indica que essa é uma leitura da “indústria cultural de entretenimento” e que “possui as lógicas de sensibilidades e identificações de uma certa cultura amorosa.”

Figura 1: Capa do chick lit O Diário de Bridget Jones



Fonte: Amazon (2023).

Essa categoria também possui outras características próprias, como dito por Santos (200?): a de sempre ser protagonizada por mulheres que vivem em grandes capitais, possuem empregos, têm a vida sexual ativa e obtêm graus consideráveis de educação, assim como sempre são brancas e de classe média.

Wieler (2015, p.12) define que:

A *chick-lit* é um romance que aquece, acolhe, emociona e diverte a menina que o frui, e se não se destaca pelo valor literário que possui, cativa as leitoras com suas personagens desajustadas, meigas e consumistas, com seus enredos que misturam humor e amor e com a emulação de eventos cotidianos.

Sobre essa característica da emulação, é necessário pontuar que é proposital para atrair ainda mais o público feminino. Diogo (2014) destrincha esse fato ao afirmar que um dos principais atrativos desse nicho é a identificação com a história e com as protagonistas, sendo que isso faz parte da Indústria Cultural, em que defende a projeção e a identificação como principais impulsionadores para a conquista do público alvo, ou seja, a criação de personagens que leitoras possam se identificar se torna um produto que vende mais.

Além disso, o humor é tão intrínseco a essas obras que é impossível distinguir o *chick lit* da comédia, sendo tão frequente que a particulariza. Sobre isso:

A própria definição do que seria essa literatura aborda a imperiosa necessidade da leveza e do humor com que seriam tratadas as questões e os dilemas sobre a mulher contemporânea. O recurso linguístico do humor seria a maneira mercadológica de atrair as mulheres para uma leitura agradável, auxiliando na vendagem (Soares, 2021, p. 5)

Os Delírios de Consumo de Becky Bloom (2000) é um exemplo de *chick lit* com muita comédia envolvida. A protagonista é uma jornalista financeira que, durante o dia, orienta as

peessoas sobre como administrar seu dinheiro, mas nos fins de semana se transforma em uma consumidora compulsiva. Rebecca Bloom não consegue resistir a uma liquidação, resultando em uma fuga constante do gerente de seu banco e em muitas dívidas.

Figura 2: Capa de Os Delírios de Consumo de Becky Bloom



Fonte: Amazon (2023).

Mas qual é o significado da palavra *chick lit*? De acordo com Zahidé Lupinacci Muzart (2007), a palavra remete a atividade de mascar chiclete (*chewing gum*) e assim fortalece ainda mais a ideia que é uma literatura direcionada para jovens mulheres.

Outros estudos apontam que o termo teria surgido como um “eufemismo depreciativo” para o curso de Tradição Literária Feminina da Universidade de Princeton dos Estados Unidos, tendo somente seu registro oficial apenas em 1995 em que foi utilizada a expressão como título de uma antologia de ensaios escritos por mulheres, chamado de *Chick-lit: The Postfeminist Fiction* (Santos, 2016).

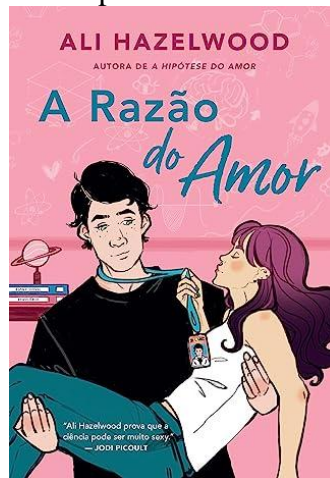
A partir da pesquisa de Matvijev (2015, n.p), essa leitura diferencia-se da literatura cor-de-rosa e dos romances de banca por distanciar-se do “[...] imperativo patriarcal do romance heterossexual [...]”, pois mesmo que a história narre acontecimentos românticos da protagonista, apresente parceiros e sua vida sexual, o foco não fica somente nisso; o enredo também desenvolve as atividades do dia-a-dia no trabalho e na sua vida pessoal (amigos e família) de uma forma tão íntima que parece um momento de confissão entre amigas, em que a protagonista desabafa seus sonhos e medos, de forma leve e engraçada.

O fato de a escritora ser uma mulher somente reforça mais veracidade a trama, com o pressuposto de que só mulher de verdade pode escrever sobre outra mulher. Um exemplo disso é no livro *chick lit* da Ali Hazelwood, *A Razão do Amor* (2022, p. 40), em que a personagem principal é uma neurocientista com o trabalho renomado, mas precisa que um

personagem masculino acate suas sugestões no trabalho, para que seja respeitada pelos outros colaboradores, situação essa bem comum entre mulheres que operam em um ambiente majoritariamente masculino:

Com Levi presente, sua equipe tende a concordar mais rápido com minhas sugestões, um fenômeno chamado de Língua Indica® (...). Em situações como uma Pintolândia® ou uma Festival de Língua®, ter um homem concordando com você ajuda a ser levada a sério. Quanto mais reconhecido for o homem, mais validade tem a aprovação dele no Língua Indica®

Figura 3: Capa de A Razão do Amor



Fonte: Amazon (2023).

Mas, não pode descartar totalmente que o romance nesse tipo de trama, já que ele é tão frequente quanto às piadas, e geralmente, o interesse romântico é sempre um homem, a maioria brancos e ricos. Madalena *et al* (2016, p.56) detalha em seu estudo:

A principal tendência que se confirma nos resultados é que quase todos os interesses amorosos da protagonista são homens ricos. Dos 32 romances analisados, 26 (81,25%) apresentam um personagem masculino explicitamente rico – na maior parte desses casos, aliás, há referência ao facto de serem milionários ou até multimilionários.

Santos (2016) argumenta que as mulheres nessas narrativas enfrentam uma dualidade ao buscar maior independência, ao mesmo tempo em que mantêm o desejo pelo matrimônio e filhos. No entanto, ressalta que é somente nesses romances que as mulheres finalmente são representadas como consumidoras ativas de bens materiais, como carros, apartamentos e roupas, além de exercerem seu poder de escolha também no âmbito das relações afetivas, podendo vivenciar sua sexualidade livremente, sem receios de julgamento.

Outro ponto importante apontado por Harzewski (2011) é que por serem ficções populares, os *chick lits* não abordam o casamento como o ponto culminante da narrativa. Pelo contrário, o tema é tratado de maneira mais realista, com personagens que são filhas de pais

divorciados, casamentos que podem fracassar ao longo dos anos, e heroínas envolvidas em vários relacionamentos antes de encontrarem alguém para se casar. Mesmo se o casamento ocorre, a protagonista tem a consciência de que essa união pode não ser eterna.

Ademais, sobre a ótica de serem autoras mulheres escrevendo sobre a vivência de uma mulher faz com que alguns autores defendam a importância dessa literatura para a queda de dogmas patriarcais, justamente por serem as mulheres em uma posição que anteriormente não era permitida a elas e que a criatividade no campo da escrita aqui se torna uma arma:

Criatividade, nas sociedades ocidentais, está ligada à idéia de poder, geração – não por acaso a imagem da divindade nessas sociedades é uma imagem masculina. Então, é no gênero masculino, e não no feminino, que reside, segundo se crê, a capacidade de criação, artística inclusive (Schwantes, 2006, p.10)

Ao dar a permissão da criatividade para a mulher, ela está fazendo uma pequena revolução no campo artístico, estando em um papel que anteriormente não era seu, dando voz para a sua representação na sociedade. Virginia Wolf (2015) discorre, no entanto, que essa atividade só foi mais aceita para as mulheres por ser uma ação respeitável e inofensiva que não perturbaria a paz do lar e não seria um gasto a mais, e que autoras como Fanny Burney, Aphra Behn, Harriet Martineau, Jane Austen, George Eliot foram pioneiras e abriram caminhos para as outras mulheres no campo na literatura.

Mas é inegável que por ser escrito por uma mulher, contando histórias de mulheres, o *chick lit* é desvalorizado e desqualificado como uma leitura importante, sendo considerado uma leitura de massa e de pouco prestígio, Wieler (2015) até a denomina como “pecha deletéria” que seria um termo pejorativo já que a crítica rejeita, o mundo acadêmico ignora e a sociedade escarnece.

Nesse ponto, indica-se uma reflexão: por que esse tipo de literatura tem esse tratamento e os quadrinhos que são voltados para o público masculino não são colocados a mesma prova em um exame rigoroso? A comparação aqui não é leviana já que os dois produtos fazem parte da Indústria Cultural. Adorno e Horkheimer (2002) apud Dóro (200-, p.2?) apontam que “Nossa cultura de massa é constituída por hábitos de consumo, comportamento, desejos e organização da sociedade que se repetem em diversos pontos do mundo, temperados por alguns elementos locais, seja música, moda, economia e cultura.”. O estudo salienta ainda que esses tipos de produtos buscam ditar o comportamento dos trabalhadores, controlar as opiniões a partir dos desejos da classe dominante.

Um dos exemplos mais notáveis de produtos voltados para o público masculino são os quadrinhos das empresas Marvel Comics e DC Comics, que estenderam seu campo para a

indústria de cinema com as adaptações de suas histórias para filmes e séries de tv, e assim dominam o mercado, como no mundo na moda (estampas de heróis em camisas, blusas, sapatos, bolsas) e na alimentícia (parcerias com grandes empresas do ramo) , Gomes *et al.* (2016, p.7) elucidam a grande procura por essa espécie de consumo pois o trabalhador depois de um dia de trabalho, busca conforto e relaxamento em histórias leves e repetitivas ao assistir essas adaptações dos quadrinhos:

A escolha por assistir um filme baseado em uma HQ, em geral de super-heróis, muitas vezes está relacionada a necessidade de entretenimento e relaxamento - busca constante da sociedade após rotinas extasiantes de trabalho. As narrativas desses filmes ou séries permitem essa sensação de distração das obrigações, pois de certo modo elas não estimulam o cérebro humano a desenvolver pensamentos complexos, mas sim o deixa a mercê do que está na tela, sem uma relação de volta e de interação do público com o que está sendo transmitido.

Paralelamente, uma similaridade pode ser observada no gênero *chick lit* que, de acordo com Santos (2016, p.19), é uma forma de escapismo da “dura realidade do mundo industrial moderno”. No entanto, esse gênero tem um foco específico que é o público feminino, portanto narrará histórias com perspectivas do universo das mulheres.

Com a intenção atrativa evidente desde a apresentação visual, as capas dos livros são meticulosamente concebidas e produzidas para cativar a atenção das leitoras. Essa cuidadosa abordagem estende-se ao reconhecimento das necessidades das mulheres da classe trabalhadora. Editoras e grandes livrarias estão cientes dessa demanda específica, resultando na constante presença dos livros desse gênero nas listas de mais vendidos.

[...] a chamada “literatura de mulherzinha” de variada qualificação sempre depreciadora e pejorativa, este romance sentimental destinado a grande público é bem menosprezado pelos estudos mais aprofundados. No entanto, sua importância comercial é muito grande, pois as tiragens são enormes e as vendas, também. Estranho fenômeno! Ao imputar às mulheres a leitura de um gênero denominado “menor”, a indústria torna-o um grande sucesso editorial que a crítica insiste em ignorar (Muzart, 2007, s.p.).

É inegável que o olhar machista é o grande responsável por demonizar essas produções já que na cultura ocidental, desde a Antiguidade, o homem cis foi o sempre o centro e o protagonista. Dessa forma, nota-se que em uma sociedade em que a experiência feminina é desvalorizada e a experiência masculina é estimada o toque de qualquer representação vai se pendurar na balança para à experiência masculina (Schwantes, 2006).

Inclusive, Beauvoir (2009) conhecida pensadora feminista discorre sobre isso ao afirmar que a percepção do homem em relação ao termo fêmea é tida como “desprezível e inimigo”, enquanto o termo macho é motivo de orgulho.

É importante destacar que a categoria *chick lit* se encaixa em uma longa trajetória intelectual que conecta o gênero literário romance às mulheres. De acordo com a pesquisa de Maria Teresa Cunha (1999), essa associação duradoura entre mulher e romance, solidificada ao longo do século XVIII, tem suas raízes no Romantismo. Esse movimento artístico e cultural é caracterizado pela ênfase nas emoções, nas liberdades pessoais, na subjetividade e na idealização da figura feminina (Santos, 2016).

Para a autora Santos (2016), a relação entre mulheres e romances é frequentemente enfatizada no campo dos estudos literários, especialmente no que diz respeito ao caráter "pedagógico" dessas obras. Há uma compreensão de que a formação da subjetividade feminina historicamente esteve associada ao espaço privado, à intimidade, à domesticidade, às emoções e aos afetos.

O *chick lit* oferece uma variedade de experiências femininas, sendo uma fonte de estímulo especialmente para jovens mulheres. Nesse gênero, as mulheres não se limitam somente ao espaço privado, às emoções e aos afetos, mas também enfrentam e discutem suas adversidades na vida. Dois exemplos ilustrativos desse fenômeno são encontrados em obras como *A Hipótese do Amor* (2022), em que a protagonista Olive busca conduzir uma pesquisa para a prevenção do câncer de pâncreas por ter perdido a mãe por essa causa, e em *Você me ganhou no Olá* (2021), em que a personagem principal, Jasmine, almeja focar somente em sua carreira de atriz após o término de um relacionamento.

Para além da identificação com as histórias, as mulheres podem encontrar empoderamento nos discursos de independência das protagonistas. Mesmo que o *chick lit* não explore profundamente o feminismo, eles podem representar uma porta de entrada significativa para emancipar as jovens, proporcionando-lhes vislumbres das vastas possibilidades que a vida reserva, transcendendo do cenário dos relacionamentos amorosos.

Figura 4: Capas dos *chick lit* *A Hipótese do Amor* e *Você me Ganhou no Olá*



Fonte: Amazon (2023).

Ademais, essas obras têm o importante papel de expor e denunciar o machismo que as mulheres enfrentam no dia a dia. Muitas vezes, elas não têm consciência de que determinadas situações pelas quais passam não são saudáveis, mas sim reflexos de uma sociedade que as subestima e exclui.

Em *A Hipótese do Amor* (2022, p. 253), a Olive é vítima de assédio sexual de um pesquisador que lhe ofereceu uma oportunidade de emprego em seu laboratório: “Não acha que aceitei você no laboratório porque é boa, acha? Uma garota como você. Que percebeu bem cedo que trepar com pesquisadores famosos e bem-sucedidos é o melhor jeito de subir na carreira acadêmica”. A protagonista, inicialmente sem saber que poderia denunciar tal comportamento inadequado, recebe o apoio de outro personagem para fazê-lo, tornando-se um exemplo para outras mulheres que podem ter enfrentado situações semelhantes na vida real.

Contudo, é fundamental salientar que os temas da emancipação feminina e empoderamento feminino estão intrinsecamente ligados ao feminismo. Este movimento político surge como uma resposta ao estabelecido por uma sociedade patriarcal, sendo, portanto, uma reação à exclusão e aos dogmas que historicamente diminuíram o papel da mulher. Diante desse contexto, o *chick lit* emerge como um recurso para iniciar e promover o tema feminismo.

2.2 A Emancipação das Mulheres

É impossível dissertar sobre gênero, principalmente, sobre as mulheres, sem falar sobre o feminismo. Este ideal político que nos últimos anos foi muito propagado pela mídia, no meio do entretenimento, deixou de ser estranho a uma grande parcela da população que não estão na Academia e se tornou produto. Inclusive, Garcia (2015) aponta que políticos, pesquisadores, organizações públicas e privadas, nos últimos anos, consideram a importância do feminismo e introduzem essa visão em seus âmbitos, no entanto muitos ainda veem a palavra como algo desagradável. Para a mesma autora, o termo pode ser definido como:

[...] a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas que as move em busca de liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim (Garcia, 2015, p. 7).

Portanto, é necessário pontuar que o feminismo é uma resposta política ao processo histórico de exclusão das mulheres na sociedade patriarcal que as vê como seres inferiores e submissas, tendo sua voz e seus direitos silenciados (Lerner, 2019).

Conforme Ferreira (2018), o conceito de gênero possibilita a compreensão de que o processo de subordinação das mulheres é uma construção das sociedades patriarcais. Essa dinâmica se aprofunda nas sociedades capitalistas e perdura até os dias atuais, devido aos valores internalizados e reproduzidos por meio de diversas estruturas que legitimam e reforçam as relações desiguais, por exemplo, em estruturas familiares, na escola, na igreja, nos setores judiciários, os partidos políticos, sindicatos etc.

Para os historiadores, a submissão feminina passa a existir a uma resposta tradicionalista de que a dominação masculina é universal e natural, portanto, há um conformismo de que Deus fez dessa maneira, e que as tarefas diferentes produzidas por cada gênero é uma resposta suficiente para explicar a dominação de um gênero ao outro, sendo este fenômeno nomeado como “assimetria sexual” (Lerner 2019).

O pressuposto é que já que as mulheres foram atribuídas com diferentes tarefas das dos homens, por causa de suas funções biológicas, a elas também deveriam ser impostas diferentes tarefas sociais.

Perrot (2007) assinala que as mulheres, em muitas sociedades, foram colocadas em silêncio e, conseqüentemente, se tornaram invisíveis, sendo esta situação assimilada como uma parte da ordem das coisas, e que, trazendo uma interpretação da perspectiva religiosa, foi Adão o primeiro a ser criado e Eva foi a que caiu na transgressão.

A autora também discorre sobre os poucos escritos deixados pelas mulheres, matérias também, pois teve atraso ao acesso a escrita e da crença de sua própria desvalorização, em razão de serem induzidas a acreditarem na sua própria inferioridade.

Diante disso, conceito de patriarcado proporciona uma maior compreensão de como os processos de submissão das mulheres foram naturalizados, tendo como princípio o exercício do poder e da dominação pelos homens sobre elas. Para Pateman (1983), o conceito de patriarcado é estratégico, uma vez que se refere especificamente à subjugação das mulheres e ao fato de que todos os homens detêm direitos políticos simplesmente por serem homens (Ferreira, 2019).

O termo ressalta a estrutura de poder na qual as relações sociais são configuradas para favorecer a supremacia masculina, concedendo automaticamente aos homens certos privilégios e direitos que são negados ou limitados às mulheres. O patriarcado, sob essa

perspectiva, transcende a simples descrição de papéis de gênero, representando, uma análise crítica das estruturas políticas e sociais que sustentam a desigualdade de gênero.

Esse panorama estabelecido pelo patriarcado passa por transformações graças as revoluções feministas (movimentos pelo direito do voto, pela igualdade de gênero, entre outros) que acontecem no ocidente, sendo estas manifestações importantes para a insurgência das mulheres que não aceitam mais serem impostas em posições subalternas e sexistas. O feminismo é compreendido e estudado a partir de ondas: primeira onda, segunda onda e terceira onda que permitem compreender como este movimento se articulou ao longo dos séculos. A Primeira Onda tem seu início com a publicação de Poulain de la Bairie, a Segunda com o movimento das mulheres na Revolução Francesa e nos movimentos sociais que retornam com força no século XIX e a Terceira, chamada de feminismo contemporâneo, que engloba os movimentos dos anos 60 e 70, assim como novas tendências a partir dos anos 80 (Garcia, 2015).

Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*, obra dividida em dois tomos que carrega discussões significativas que se tornaram base do movimento, este já estabelecido como Segunda Onda, aborda no livro 1: Fatos e Mitos o que é ser mulher e destrincha o motivo da ideia de submissão imposta ao gênero. Ela começa essa análise indicando um paralelo entre a submissão das minorias étnicas (judeus e negros), que foi imposta como inferiores por causa de acontecimentos históricos, enquanto que no caso da submissão das mulheres, não houve uma situação específica e nem consequências dessa possível circunstância. Para a filósofa, pode-se notar que há uma similaridade nessa subjugação, mas não pode ser considerado o mesmo fenômeno.

Os proletários fizeram a revolução na Rússia, os negros, no Haiti, os indochineses bateram-se na Indochina: a ação das mulheres nunca passou de uma agitação simbólica; só ganharam o que os homens concordaram em lhes conceder; elas nada tomaram; elas receberam (Beauvoir, 2009, p.17).

Essa análise se torna mais significativa ao comparar com os estudos de bell hooks, também uma famosa feminista contemporânea, mas que em seus estudos oferece uma perspectiva de raça. Para a autora, não há outro grupo que sofre mais com a opressão sexista, que são diariamente subjugadas tanto mentalmente quanto fisicamente quanto as mulheres negras.

A pensadora contemporânea relembra que enquanto as feministas brancas, as de classe média e alta com nível superior estavam lutando pelo seu direito de uma carreira de trabalho, cansadas de cuidar do marido e dos filhos, buscando serem liberadas deste trabalho doméstico para assumir o mercado de trabalho com as mesmas condições dos homens, não havia um

questionamento de quem as substituiria neste papel. Ou seja, elas ignoram totalmente a existência de mulheres que não são brancas ou que são brancas mas são pobres, as empregadas domésticas, as operárias, as secretárias e as prostitutas.

Os problemas e dilemas específicos das esposas brancas da classe do lazer eram questões reais dignas de preocupação e mudança, mas não eram as questões políticas prementes da maior parte da população feminina. A maior parte das mulheres estava preocupada com a sobrevivência econômica, a discriminação racial e ética (bell hooks, 1984, p. 20).

No entanto, urge a necessidade de destacar as grandes manifestações feitas por mulheres a partir dos estudos de Simone de Beauvoir, com discussões acerca ao direito do aborto, a sexualidade livre sem uma imposição heteronormativa, a não aceitação do modelo patriarcal de família e direitos civis perdidos depois de um divórcio, sendo essas feitas com o auxílio do questionamento do poder da Igreja e do Estado, que são instrumentos do capitalismo para a manutenção de sua dominação e opressão social (Gurgel, 2010).

Outra ótica importante para o movimento feminista, mas que sofreu com o peso da repressão de uma sociedade conservadora foi a da comunidade de mulheres trans. Ao afirmar que uma mulher só é uma mulher por ter útero, esse pensamento não exclui somente as mulheres trans, mas também, as mulheres que tiveram que fazer a histerectomia – por causa de doenças, por exemplo. O senso comum de limitar o gênero apenas ao seu órgão reprodutivo se mostrou insuficiente para embarcar o que é ser mulher. Dessa forma, o conceito de gênero é muito mais amplo: “[...] é relacional e político, independe das bases biológicas, como o sexo, e determina, entre os seres humanos, papéis que eles exercem na sociedade – o que de forma alguma se restringe à sexualidade” (Jesus, 2013, p.2 apud Louro *et al* (1998)). Ainda a partir desse estudo, é possível empreender que esse conceito dentro do movimento feminista não só possibilitou a desconstrução de que há um modelo universal do que é ser homem e mulher, mas também foi o de avaliar a partir de uma construção histórica e o de reverter fora do aspecto biológico possibilitando a construção de identidades de gênero como conceitos viáveis.

Judith Butler (2003), conhecida pensadora feminista assim como Beauvoir e hooks, aprofunda essa discussão de gênero em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da realidade*, pois defende que a categoria de sexo é uma construção social e critica a ideia da heterossexualidade como inclinação natural a todos. Para a autora, que utiliza a tese de Foucault de que a sexualidade é construída com base no discurso e no poder, sendo este apreendido a partir das convenções heterossexuais e fáticas, ou seja, há em nossa

cultura uma base binária heterossexual que estabelece tanto uma hierarquia entre masculino e feminino como também uma heterossexualidade compulsória e naturalizada.

No Brasil, as discussões feministas começaram a tomar forma nos movimentos de esquerda que denunciavam as barbaridades cometidas na ditadura militar e no conservadorismo da sociedade brasileira. Ferreira (2014) evidencia que esses movimentos foram encabeçados, principalmente, por mulheres ligadas aos partidos clandestinos que eram engajados nas causas nacionais com conhecimento da desigualdade de gênero e que clamavam por um fim a esse regime e requisitavam a democracia no país. De acordo com as pesquisas da autora, é dessas movimentações que surgem os primeiros grupos de sufragistas e de nomes importantes como por exemplo a Bertha Lutz em São Paulo, Lolinda Dalton na Bahia, Eneida de Moraes no Pará e Violeta Campos no Maranhão. Diante dessa dimensão histórica, alguns feitos consideráveis mas ainda insuficientes foram atingidos a partir das movimentações dessas feministas que trouxeram para a discussão da realidade brasileira a questão do aborto, violência doméstica e sexual, equidade salarial, divisão das tarefas domésticas, etc.

No norte e nordeste do Brasil, o movimento feminista emerge em grupos como o Ação Mulher, em 1978, na cidade de Recife, o Centro da Mulher em João Pessoa, depois renomeado como Maria Mulher. Sobre esse período:

[...] em 1980 desponta o Grupo de Mulheres da Ilha, em São Luís do Maranhão, sendo que este nasce em meio a um momento histórico da utopia da união das esquerdas feitas a partir do movimento Oposição para Valer. Esse período é marcado pela eclosão de vários movimentos pela moradia, contra o racismo, em favor dos direitos humanos (Ferreira, 2014, p.361).

O feminismo no Maranhão emerge como um movimento social diversificado, desafiando a política, o poder e as relações patriarcais. Além disso, promove debates teóricos que exploram a mulher como sujeito na sociedade, contribuindo para uma abordagem mais abrangente e inclusiva das questões de gênero (Ferreira, 2014).

Sobre esse aspecto histórico é importante destacar que o feminismo brasileiro:

Em termos políticos e no processo de luta, os movimentos feministas não desvinculam a questão de classe das questões de gênero nem das questões étnicas raciais, pois estão vinculadas a relações de poder e dominação que perpassam as relações sociais. A multiplicidade de movimentos e suas diversas correntes e linhas de atuação possibilitaram ao feminismo inovar na medida em que se articula com a Marcha Mundial de Mulheres, nas redes de estudos feministas, nos movimentos negros, assim como nas centrais de trabalhadores e partidos políticos (Ferreira, 2014, p.362).

De acordo com Ferreira (2019), após a conquista do voto e a ingressão na universidade a situação das brasileiras mudou consideravelmente, tendo mais liberdade e reconhecimento, porém ainda se mantém cerceadas por dogmas religiosos, especialmente no que diz respeito ao exercício de suas sexualidades.

Diante do exposto, é possível inferir que o feminismo é um movimento plural que está em constante crescimento, contribuindo para mudanças significativas no direito das mulheres como o direito ao voto, em oportunidades igualitárias de estudo e de carreira no mercado de trabalho, na divisão de tarefas domiciliares, no combate a violência doméstica, no planejamento familiar, entre outras relevantes transformações sociais e políticas. Porém, é necessário afirmar que o fato das mulheres terem alcançados avanços consideráveis na sociedade, entretanto, o movimento não pode arrefecer ou considerar que não é mais necessário pois ainda estamos nas garras do patriarcado e do conservadorismo, e muitas lutas ainda são pertinentes pois ainda não chegamos ao que pode ser considerado uma satisfatória igualdade de gênero. Além disso, as mudanças significativas citadas acima ainda não tiveram um impacto verdadeiro na sociedade moderna, em que estatísticas demonstram que ainda é um panorama que vagarosamente está sendo modificado, e aqui faz necessário apontar que não se pode esquecer, como dito por Simone de Beauvoir (1949) “[...] que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados”.

Mesmo que já tenha acontecido mudanças significativas no século XXI, como mulheres ocupando espaços diversos, a exemplo na política e graus elevados na administração de empresas, ainda pouco se discute sobre comportamentos e formas de submissão que acontecem diariamente na vida de uma mulher. A mídia inclusive reitera esse discurso ao mostrar esses avanços, mas se contradiz ao exibir também situações, mortes, atrocidades e impunidades que as mulheres sofrem; as estatísticas das delegacias das mulheres e dos tribunais não escondem essa realidade (Ferreira, 2010). Outro ponto de análise, principalmente na realidade brasileira, é que essas mudanças significativas ainda são protagonizadas por mulheres que tiveram oportunidades de estudo e de trabalho, ou seja, a maioria sendo mulheres brancas de classe média ou alta. As mulheres pobres, negras, trans e periféricas ainda são marginalizadas e padecem muito mais com o patriarcado institucionalizado em suas relações, no seu convívio e espaço.

Um exemplo dessa assertiva são as estatísticas que apontam o Brasil como o país que mais mata mulheres trans no mundo, de acordo com Brasil de Fato, que noticiou o relatório de 2022 da Transgender Europe. No site Consultor Jurídico é exposto que registros de feminicídio e violência contra mulher cresceram em 40% em 2022 nos tribunais estaduais,

este dado foi divulgado pelo Conselho Nacional de Justiça no relatório o “Poder Judiciário na Aplicação da Maria da Penha”. É fato que há maior divulgação no combate a violência e por isso possa explicar a alta nos números, mas ainda assim é inconcebível vivermos numa sociedade que impõe poder e aflige um gênero a partir da força e do medo.

Portanto, é pertinente analisar o problema, mas também oferecer saídas como ações e políticas que possam modificar essa realidade, sendo a educação como instrumento essencial nesse processo, pois a informação e conhecimento podem servir de base para alterações na sociedade no que antes poderia ser considerado inevitável.

3 AGENTES DA LEITURA E DAS MUDANÇAS SOCIAIS: bibliotecário em foco

Desde o seu princípio, a Biblioteconomia esteve atrelada a bibliotecas. O profissional bibliotecário teve seu protagonismo em bibliotecas por muito tempo e, dessa forma, se consolidou como uma profissão voltada para esse ambiente, perpetuando a ideia de que os profissionais apenas atuam neste local. A Biblioteconomia também era vista como elitista, voltada para atender os ricos e acadêmicos, levando consigo o sinônimo de cultura. Como dito acima, a biblioteca e o bibliotecário estão envolvidos pela necessidade de se registrar a informação que está vinculada também a necessidade do homem, como aponta Milanesi (1988, p.16) em *O que é Biblioteca?* ao discorrer sobre a carência que se tinha em reter a informação em um suporte físico, assim como preservá-lo diante da demanda crescente de mais documentos. O profissional aqui se fez presente e por muitas décadas foi o principal vínculo entre a informação e os usuários.

Por ser um profissional que o seu objeto de trabalho é a informação, o bibliotecário se torna um agente político; por sua função de incentivo à leitura, estímulo ao conhecimento e, consequentemente, responsável pelas mudanças sociais que essas atividades contribuem. Machado *et al.* (2014) resgatam historicamente relatos de experiência e da própria história da Biblioteconomia, em que sempre esteve presente a preocupação dos bibliotecários com as questões sociais, tanto nos Estados Unidos quando na Inglaterra, países em que os governos e a sociedade civil tiveram movimentos de luta contra a pobreza, o analfabetismo e a exclusão.

Nesses contextos, há a presença do profissional bibliotecário se organizando e se envolvendo nesses movimentos com o apoio, na maioria das vezes, de políticas públicas que assegurava a sua participação.

Diante disso, assinala-se que Aristóteles na Antiguidade já evidenciava que o ser humano é um animal político, nossas escolhas manifestam a nossa participação, inclusive no ato de se abster.

A Biblioteconomia é uma profissão milenar que sempre esteve envolvida em aspectos políticos, e no contexto atual, na guerra de informações, onde seu objeto de estudo e trabalho transfigura-se em arma política, a presença do profissional bibliotecário faz-se urgente e necessária.

Portanto, o profissional bibliotecário em sua formação deve se ater politicamente por causa de sua influência direta com a informação, já que é responsável pelo seu armazenamento e pela disseminação. Aqui é necessário pontuar que isso também engloba outras profissões da informação: arquivistas, cientistas da informação, gestores da

informação e geólogos. No entanto, a carência não é a de desenvolver uma competência político-partidária, mas sim a de instituir uma competência no sentido lato, dessa forma informando para consolidar a democracia, para o desenvolvimento social, para obter qualidade de vida, para diminuir a ignorância em relação aos direitos constituídos por lutas históricas, ou seja, para o exercício da cidadania plena (Valetim, 2018).

No *Encuentro de Directores de Escuelas de Bibliotecología y Ciencia de la Información del Mercosur*, foi determinado as competências prioritárias que um profissional da informação deve cumprir de forma que realize seu papel na sociedade, são elas: a) comunicação e; b) técnico-científicas; c) gerenciais) sociais e políticas. Foi também definido como competências sociais e políticas:

1. Seleccionar e avaliar todo tipo de material para as unidades de informação.
 2. Buscar, registrar, avaliar e difundir a informação com fins acadêmicos e profissionais.
 3. Assessorar e intervir na formulação de políticas de informação.
 4. Assessorar no planejamento dos recursos econômico-financeiros e humanos do setor.
 5. Planejar e executar estudos de usuários/clientes da informação e formação de usuários/clientes da informação.
 6. Promover uma atitude crítica e criativa em relação à resolução de problemas e questões informacionais.
 7. Fomentar uma atitude aberta e interativa com os diversos atores sociais (políticos, empresários, educadores, trabalhadores e profissionais de outras áreas, instituições e cidadãos em geral).
 8. Identificar as novas demandas sociais de informação.
 9. Contribuir para definir, consolidar e desenvolver o mercado de trabalho na área.
 10. Atuar coletivamente com seus pares no âmbito das instituições sociais, com o objetivo de promover e defender a profissão.
 11. Formular políticas de pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação.
 12. Assessorar e intervir na elaboração de normas jurídicas em Biblioteconomia e Ciência da Informação
- (Valetim, 2018. p. 56 apud Programa..., 2000, p.71).

Diante do exposto, considerar que a área da Biblioteconomia é uma área munida de embasamento teórico e científico de suas particularidades é pertinente, visto que há material, estudos, pesquisas que apontam como a área deve atuar na sociedade, principalmente pelo seu desempenho político sociológico.

Entretanto, de acordo com Martins e Ferreira (2018), o bibliotecário age de maneira contida na participação da política representativa, pois a partir do seu estudo na eleição de 2016 são poucos os deputados, prefeitos, vereadores (tanto mulheres quanto homens) eleitos nas últimas eleições do país.

Foi percebido, no mesmo estudo, que a maioria da categoria não opera em movimentos políticos, sendo notado o fato de que a formação bibliotecária é voltada somente para o campo técnico e o processo político é deixado de lado. Os autores salientam que a

formação política é importante para construir conhecimento dos temas relacionados e assim discernir, interferir, opinar e se situar no agora, compreendendo os contextos e se manifestando a partir deles.

Outro aspecto a ser apontado sobre a profissão é o fato de que a Biblioteconomia está intrinsecamente relacionada a atividade da leitura. Essa relação impõe aos bibliotecários compromissos com a formação de leitores. Sabe-se que uma pessoa que é assídua nas atividades de leitura sofre uma transformação que o possibilita estar provido de instrumentos para lutar por uma sociedade mais justa e igualitária, que se preocupa com os direitos daqueles menos favorecidos, os que sofrem injustiça, discriminação e intolerância.

Dessa forma, o cidadão ou a cidadã que cultiva o hábito de leitura é habilitado a intervir na realidade e transformá-la com respeito e empatia ao próximo. Portanto, a leitura é uma arma de combate às desigualdades, inclusive as de gênero, sendo uma porta de acesso e participação na sociedade da informação, possibilitando a liberdade das situações impostas pela sociedade patriarcal que delimita o que deve e o que não deve ser feito (Paula; Macedo, 2021).

É importante destacar a importância da leitura em combates na desigualdade de gênero, principalmente se for analisar sob a ótica da área da Biblioteconomia, pois o curso é constituído majoritariamente por mulheres, sendo essa uma profissão até mesmo estereotipada, visto que o imaginário popular associa a profissão a mulheres, geralmente idosas, que utilizam óculos e coque no cabelo com uma postura severa (Walter; Baptista, 2007).

Diante desse contexto e com base nos estudos de Muller e Martins (2019), o debate sobre gênero no âmbito da Biblioteconomia ainda é ínfimo, assim como também outros temas como Classe, Raça e Sexualidade que apresentam uma certa resistência para o debate e que as produções voltadas para a essas áreas são modestas.

Segundo Ferreira (2019), um dos motivos que levam os temas voltados para a dominação patriarcal serem poucos explorados na academia, a não ser pelas pesquisadoras feministas, se deve ao fato do tema impactar diretamente no contrato social, do casamento e das relações matrimoniais. Ou seja, o casamento seriam um contrato sexual em que os homens transformam um direito natural sobre as mulheres em direito patriarcal civil.

Em concomitância, Muller e Martins (2019) identificam que o machismo ainda impera nas relações sociais e repercute para a deslegitimar o tema feminismo. De acordo com o mesmo estudo, os autores resgatam historicamente um marco para o debate de gênero na Biblioteconomia, que aconteceu na cidade de São Luís do estado do Maranhão, em que foi

discutido o tema “Gênero como categoria de análise para a Biblioteconomia” (Ferreira, 1997) no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBD). A autora desse estudo traça um paralelo da necessidade dos estudos feministas no fazer do bibliotecário, visto que essa relação está inteiramente interligada na formação e na prática na profissão.

Em outra pesquisa, Ferreira (2020, p.314) investiga os (as) bibliotecários (as), tanto brasileiros (as) quanto portugueses (as), as suas percepções quanto as relações de gênero no contexto vigente. Indica que:

[...] as relações de gênero são imperceptíveis pelos bibliotecários brasileiros, tendo em vista que ao responderem não perceber diferenças entre o ser homem e ser mulher na profissão ou “não enfrentei nenhuma dificuldade para exercer a profissão”, parecem desconhecer que vivemos em uma sociedade patriarcal, que nega a importância e valor das mulheres, excluindo dos cargos de representação e de poder.

Ademais, ressalta o número pequeno de mulheres assumindo o cargo na maior representação de poder da classe de bibliotecários no Brasil, que é na chefia da Biblioteca Nacional. Sobre isso:

É evidente que as profissões ditas femininas têm, ao longo da história, enfrentado dificuldades para se impor. As enfermeiras, as assistentes sociais e as bibliotecárias e outras profissões caracterizadamente femininas tem que provar permanentemente que são competentes para inserir-se nesse mercado desigual. E esse mercado é marca principal das sociedades de classe que têm na distribuição de riqueza, poder e conhecimento, fatores que contribuem substancialmente para uma distribuição desigual de competências e recompensas, assim como para a hierarquização do poder (Ferreira, 2003, p.194).

Perante o exposto, apresentando um estudo de Gois (2021), um contexto atual se torna proeminente: a agenda de 2030 desenvolvida pela ONU que delimita vários objetivos com a finalidade de desenvolvimento sustentável do planeta, apresentando uma cartilha nomeada Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS) que não aborda somente as questões do meio ambiente, mas também a questão social do desenvolvimento e o seu impacto na humanidade.

Esse plano de ação indica 17 objetivos que embarcam desde a erradicação da fome, da pobreza como também outros incentivos para qualidade vida como água e saneamento básico para todos e, entre essas metas, está o quinto objetivo que almeja alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, eliminando abusos psicológicos e físicos.

Em conjunto com o compromisso da ONU, a IFLA (Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias) criou um documento nomeado de *Access and Opportunity for All: How Libraries contribute to the United Nations*, que foi traduzido para o

português pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB).

Nesse documento a IFLA reclama as bibliotecas como espaços protagonistas para o triunfo da Agenda 2030, pois defende que a crescente utilização de TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação) para acessar informação e conhecimento possibilita o desenvolvimento sustentável e mais qualidade de vida para as pessoas, dessa forma aponta que a instituição biblioteca opera diretamente na promoção dos ODS, propiciando a alfabetização universal, a inclusão digital pelas TICs, como também na atuação como centro da comunidade acadêmica e de pesquisa, com o propósito de preservar e proporcionar acesso à cultura e ao patrimônio mundial.

À vista dos pontos citados acima, o (a) bibliotecário (a) faz-se um profissional importantíssimo para o contexto vigente, desmitificando ideias errôneas sobre a sua relevância diante das Tecnologias, visto que sua presença ainda é necessária na disseminação e armazenamento do conhecimento, na promoção de mudanças sociais por meio do incentivo à leitura e ao conhecimento. Assim, levantar a questão do feminismo em uma profissão majoritariamente feminina é imperioso, já que o bibliotecário possui ferramentas para transformar uma realidade, conhecimento de causa, e assim pode promover uma sociedade mais justa e igualitária.

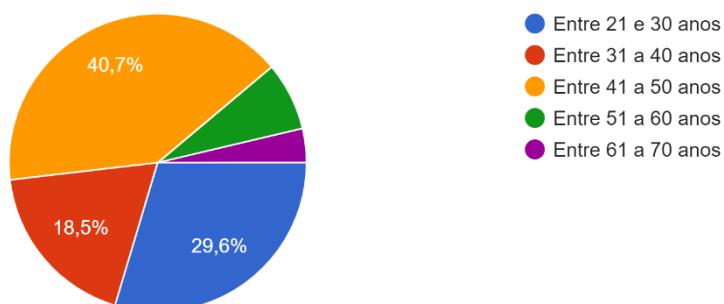
4 RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa foi coletada por meio do formulário online do *Google Forms* e recebeu um total de 27 participações. Essas contribuições foram feitas por profissionais bibliotecários em uma amostra aleatória, a partir do contato pelo aplicativo *Whatsapp* em que foi questionado se eram profissionais formados que atuavam na área.

O primeiro ponto a ser explorado com base nos resultados dessa pesquisa é o gênero, visto que a Biblioteconomia é majoritariamente uma área constituída por profissionais mulheres, de acordo com os estudos de Walter e Baptista (2007). Esse cenário ainda permanece pois no total de participantes dessa pesquisa 24 eram mulheres e apenas 3 homens. Outro aspecto investigado foi a faixa-etária desses profissionais em que a maioria está no começo da meia-idade, dos 41 a 50 anos (40,7%). O segundo grupo mais proeminente foram os jovens recém-saídos da universidade, dos 21 e 30 anos (29,6%).

Gráfico 1- Faixa-etária

Faixa-etária
27 respostas



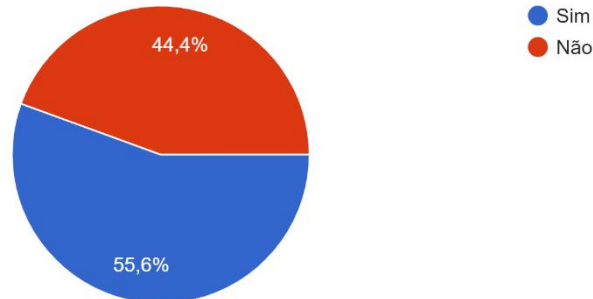
Fonte: Elaborado pela autora (2023), a partir dos dados coletados da pesquisa.

Em relação a cor, a maioria dos entrevistados se autodeclararam pardos (48,1%), seguido por pretos (29,6%) e brancos (22,2%). No que se refere a rede de bibliotecas em que atua, 70,4% apontaram trabalhar em bibliotecas públicas, enquanto, que 29,6% nas privadas.

Com o objetivo de investigar o olhar do bibliotecário diante do gênero literário *chick lit* e seus impactos para a discussão da emancipação feminina, foi questionado aos profissionais se tinham conhecimento do gênero literário, e o resultado não foi diferente do que foi apontado por Diogo (2014) e Wieler (2015) em que indicam ser uma literatura de massa e, portanto, não muito desconhecida. Por conseguinte, é um nicho conhecido pela maioria dos profissionais e, assim, podem ser analisadas suas perspectivas sobre o tema.

Gráfico 2 – No acervo da biblioteca em que atua, há títulos do gênero literário *chick lit*?

No acervo da biblioteca em que atua, há títulos do gênero literário chick lit?
27 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2023), a partir dos dados coletados da pesquisa.

Diante desses pontos, é possível compreender que as bibliotecárias não só têm conhecimento do *chick lit* como também têm familiaridade com o gênero por estar incluído no acervo da biblioteca em que atua. Para aprofundar ainda mais em suas perspectivas, foi questionado e pedido que justificasse sua opinião em relação a trabalhar os temas de feminismo, emancipação feminina e machismo no ambiente da biblioteca, e responderam da seguinte forma:

Quadro 1 – Temas de feminismo, emancipação feminina, machismo na biblioteca

Profissional	Resposta
Bibliotecário (a) A	Sim, toda temática literária voltada para o crescimento social, político e pessoal das mulheres é importante para enriquecer sua vivência pessoal e coletiva na sociedade para o enfrentamento de atitudes machistas e fortalecimento do feminismo.
Bibliotecário (a) B	Sim, a Biblioteca principalmente pública deve oferecer todos os gêneros literários para seus leitores e trabalhar os temas mais variados com objetivo de contribuir com as discussões, além de exercer seu papel de democratizar o acesso ao livro e a leitura
Bibliotecário (a) C	Sim. Considero importante, pois para alcançar a igualdade social necessitamos ampliar a visão que se tem sobre a diversidade em várias perspectivas não somente a patriarcal. Nesse quesito a biblioteca deve auxiliar na formação de uma sociedade justa, igualitária e bem informada. A biblioteca deve promover a

	conscientização sobre a importância do feminismo/emancipação da mulher, quebrar os estereótipos, empoderar as mulheres, estimular ao debate, fomentar a empatia e preparar a sociedade para a vivência contemporânea sem os encargos ruins de pensamentos retrógrados trazidos pelo patriarcado às mulheres
Bibliotecário (a) D	Sim, de extrema importância. Ainda vivemos numa sociedade desigual nas relações entre homens e mulheres, e enquanto perdura a desigualdade, é extremamente importante as discussões sobre gênero, feminismos, dominação masculina, patriarcado, para que possamos reconhecer a linguagem da discriminação, e só assim vislumbrar promover uma sociedade pautada na equidade, independente de Gênero, raça, classe social, etc.
Bibliotecário (a) E	Sim, incentivar os debates desses temas é essencial para a construção social igualitária.
Bibliotecário (a) F	Acredito que não, pois vai depender do público alvo e que utiliza a biblioteca (eu trabalho em uma escolar) Não vejo necessidade desse tipo de literatura em todas as bibliotecas, uma vez que esse tipo de informação existe por vários meios informativos, não só em livros.

Fonte: Elaborado pela autora (2023), a partir dos dados coletados da pesquisa.

Não são colocadas aqui todas as respostas pois houve um predomínio de afirmativas e similares, e diante disso, pode-se concluir que o olhar dessa amostra de bibliotecários é condizente em incentivar o debate sobre o feminismo no local da biblioteca e está alinhado com os princípios estabelecidos pelo *Encuentro de Directores de Escuelas de Bibliotecología y Ciencia de la Información del Mercosur*, que propôs as competências prioritárias que um profissional da informação deve cumprir de forma que realize seu papel na sociedade como no campo social e político. (Valetim, 2018. p. 56 apud Programa...,2000, p.71)

No Quadro 1, observa-se que a maioria dos bibliotecários reconhece a pertinência de abordar o tema na Biblioteconomia. Ao relacionar esses resultados com o Gráfico 2, em que a maioria indica a presença do gênero literário em seus acervos, pode-se inferir que esses profissionais têm a oportunidade de utilizar essa literatura como uma ferramenta inicial para promover discussões sobre o feminismo.

Ferreira (2018) sugere que é viável empregar a cultura como base para desenvolver estratégias que desmontem os processos socioculturais de discriminação contra a mulher, uma vez que a cultura é também uma expressão da humanização.

Destaca-se uma resposta que se diferiu da maioria, o (a) **Bibliotecário (a) F** afirma não concordar em levantar discussões de gênero na biblioteca e argumenta que se deve atentar ao público-alvo, e que o assunto feminismo não se encontra somente em livros. O interessante dessa resposta é que há um certo teor conservador, visto que argumenta trabalhar numa biblioteca escolar e alega a questão do público-alvo, com o pressuposto de que crianças e adolescentes não deveriam estar em contato com esse debate.

Segundo Ferreira (2019), a conjuntura atual do Brasil requer que o ambiente escolar seja concebido como um espaço de liberdade, onde alunos e professores possam sentir-se pertencentes. Isso inclui elementos de construção e desconstrução com o objetivo de alcançar uma pluralidade cultural e ética. Para a autora:

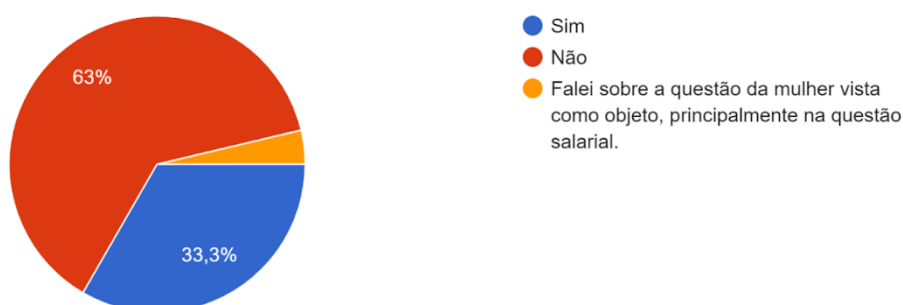
[...] é importante pensar uma pedagogia que reconheça e considere os alunos na sua historicidade, diversidade, na valorização das diferenças, superando dessa forma os conceitos existencialistas e os tratando como categorias socialmente construídas no decorrer dos discursos históricos (Ferreira, 2019, p.222)

A seguinte indagação foi se esses (as) profissionais bibliotecários (as) já fizeram alguma atividade na biblioteca que trouxesse a discussão de gênero, machismo e feminismo, sendo uma questão em que poderia citar exemplos de ações realizadas, como mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3– Ação para o debate de gênero, emancipação feminina, machismo

Você já organizou na Biblioteca algum evento, palestra, roda de conversa em que se discutiu gênero, emancipação feminina, machismo na sociedade?

27 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2023), a partir dos dados coletados da pesquisa.

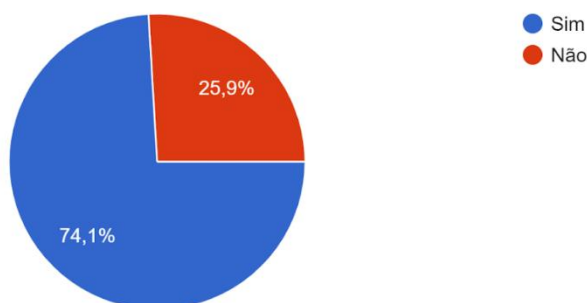
Como pode ser observado, a maioria dos (as) bibliotecários (as) não fizeram alguma ação voltada para evocar a discussão de gênero na biblioteca, sendo os 63% desta amostra. Como a questão tinha a possibilidade do profissional exemplificar o que foi feito, apenas um discorreu o que foi produzido, em que apontou ter evidenciado a percepção machista das mulheres como objeto, exemplificando com a questão salarial.

Como o feminismo é um tema que ainda carrega um olhar demonizado e muitas vezes é mal compreendido pela falta de conhecimento e informação, foi questionado se os livros podem ser ferramentas para explorar assuntos vigentes e relevantes de forma a analisar se os profissionais estão reticentes em trabalhar com o feminismo em si, mas abertos a trabalharem com outros temas. O resultado foi unânime, todos concordam que a literatura pode ser um canal para trabalhar demandas atuais, o que é interessante ao observar que até mesmo o (a) participante **Bibliotecário (a) F** que não concorda em trabalhar o feminismo na biblioteca, aprova a utilização dos livros para explorar assuntos correntes.

Com o propósito de aprofundar nos objetivos específicos desta pesquisa, a próxima pergunta do questionário foi: “Você utilizaria o *chick lit* para a discussão de gênero, emancipação feminina, feminismo?” sendo uma questão fechada, com 74,1% de aprovação e 25,9% de rejeição como pode ser visto no Gráfico 4. Como 29,6% indicaram não conhecer esse nicho literário, conjectura-se que a negativa é mais pelo fato de não possuírem conhecimento dessa literatura do que obterem alguma ressalva com esses livros.

Gráfico 4 – *Chick lit* para a discussão de gênero, emancipação feminina, feminismo

Você utilizaria o chick lit para a discussão de gênero, emancipação feminina, feminismo?
27 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2023), a partir dos dados coletados da pesquisa.

Por conseguinte, foi questionado aos participantes: “Quais tipos de atividades você sugere para serem implementadas na Biblioteca com o intuito de proliferar o discurso

feminista? ” e como pode ser observado no Quadro 2 um número expressivo de sugestões foram elencadas, o que mostra que o profissional está atento as atividades que podem ser desenvolvidas na biblioteca sobre o assunto, mas ao comparar com o Gráfico 5, denota-se que há algum impasse ou imprecisão, visto que há ideias para a discussão na biblioteca, mas não há um número significativo de afirmativas de atividades que já foram desenvolvidas sobre o tema. Ademais, o (a) participante **Bibliotecário (a) F** já deixa explícito que não concorda com a discussão do feminismo na biblioteca, dessa forma pode-se inferir que esse (a) participante tem uma rejeição sobre o assunto que pode ser fruto do conservadorismo, ou pela falta de informações, ou pelo próprio machismo enraizado na sociedade, como pode ser visto a seguir:

Quadro 2 – Atividades voltadas para proliferar o discurso feminista

Profissional	Resposta
Bibliotecário (a) A	Rodas de conversa, palestras, exposições
Bibliotecário (a) B	Roda de conversa com escritores e escritoras Lançamento de livro Palestras com especialistas sobre o tema
Bibliotecário (a) C	Diário de Leitura, parcerias com ONG e grupo de ativismo, dramatizações em datas relativos ao tema, exibição de filmes e documentários, oficina de escrita criativa, leitura compartilhada, exposição de livros, painéis temáticos, clube do livro feminista.
Bibliotecário (a) D	Concurso de redação, poesia
Bibliotecário (a) E	Rodas de leituras, palestras, cursos, atividades culturais como exposições, intervenções teatrais, intensificar na formação de acervos a aquisição de obras escritas por mulheres.
Bibliotecário (a) F	Acredito que o conhecimento em áreas mais relevantes para os alunos da escola vem em primeiro lugar.... assuntos sobre feminismo não pode e nem devem se sobrepôr ao ensino e educação....esse tipo de diálogo pode ser feito em outros lugares q não a biblioteca.

Fonte: Elaborado pela autora (2023), a partir dos dados coletados da pesquisa.

Por fim, foi inquirido aos participantes, até aqueles que não tivessem conhecimento sobre o *chick lit*, quais informações desse nicho literário consideravam importantes para

contribuir ao debate de emancipação feminina e a maioria expressiva apontou para a questão do protagonismo feminino e suas atribuições na vida moderna, assim como explícito no Gráfico 5 . Como era uma questão aberta, um participante manifestou que:

Acredito que cada um tem sua ideia do que é o feminismo e isso não deve ser imposto a ninguém através de literaturas em bibliotecas escolares como forma de impor uma cultura que deve vir de casa. Para a mulher ser aceita basta fazer seu papel de mulher, mãe, esposa, trabalhadora....sem essa pressão de feminismo...cada um e do jeito q é, e deve ter a liberdade e o respeito de pensar diferente das tais" feministas.

Como não há possibilidade de saber qual é o gênero desse participante, no entanto ao analisar pelo que foi coletado da amostra, com uma diferença proeminente da quantidade de mulheres e homens, pode-se teorizar que há uma grande possibilidade de ser uma mulher e, ao constatar sobre isso, conjectura-se que é possível existir mulheres bibliotecárias que carregam um olhar machista, retrógrado e até mesmo ignorante, o que traz uma certa preocupação de como esse profissional está exercendo a Biblioteconomia.

Gráfico 5 – Contribuições do *chick lit* para a emancipação feminina

Quais informações dos livros chick lit você considera importantes para contribuir ao debate de emancipação feminina?

27 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2023), a partir dos dados coletados da pesquisa.

Ainda sobre as contribuições do *chick lit*, boa parte (14,8%) sinalizou a opção de personagens que estudam, trabalham e têm seu próprio dinheiro, portanto, infere-se que os (as) participantes acreditam ser uma fonte de incentivo a leitoras obterem exemplos na literatura de mulheres independentes. O que não tinham conhecimento dessas obras, ou seja, não sabiam apontar o que essa literatura poderia trazer de contribuição para o feminismo foi de 11,1%.

Diante dos dados expostos, o *chick lit* é visto pela maioria dos (as) bibliotecários (as) da amostra como um instrumento para suscitar assuntos como machismo, emancipação feminina e feminismo na biblioteca, por meio de rodas de conversa, palestras, rodas de leituras, atividades culturais, cursos, palestras, etc. A maioria desses profissionais não somente consentem nesse debate no ambiente da biblioteca como também utilizariam o *chick lit* como ferramenta. Sobre as repercussões do *chick lit*, a maior quantidade estabelece que a representação do protagonismo feminino e as suas atribuições na vida moderna contidas nessas obras são uma contribuição para a emancipação feminina. No entanto, há um dado preocupante sobre os bibliotecários dessa amostra, já que mais de 60% sinaliza ter não ter feito atividade com o objetivo de discutir o feminismo no local da Biblioteca, mas manifestam a importância de se discutir esses temas. Dessa forma, a amostra apresenta uma classe inerte diante de enfrentamento real, o que corrobora com os estudos de Ferreira (2019), a classe bibliotecária não é ativamente política e não atua no meio social, mesmo tendo ciência da importância e de seu papel a desempenhar.

5 CONCLUSÃO

A partir dos dados coletados, a pesquisa quanti-qualitativa revelou resultados significativos que apontam para uma tendência notável no perfil dos profissionais envolvidos, destacando a predominância de mulheres na faixa etária de meia idade. O que corrobora com os estudos sobre a área da Biblioteconomia que sempre demonstraram sobre a dominação feminina nessa profissão, como as análises de Martins e Ferreira (2018) e Walter e Baptista (2007).

A presença majoritária de mulheres de meia idade pode indicar uma experiência profissional consolidada e um potencial conjunto de perspectivas que podem enriquecer as discussões sobre feminismo. Além disso, mostraram ter ciência política com ideias de trabalhos que podem ser desenvolvidos na biblioteca com o intuito de propagar o combate contra o machismo e realçar a emancipação feminina e o feminismo.

A biblioteca, como espaço cultural e educacional, emerge como um ambiente propício para explorar temas feministas por meio do *chick lit*, evidenciando uma busca por estratégias inovadoras e inclusivas. Como resultado dessa pesquisa, podemos perceber que há a anuência das bibliotecárias na utilização dessa literatura para discutir esse tema e distinguem a representação do protagonismo feminino e suas atribulações na vida moderna como contribuições para a emancipação feminina.

Essa abordagem pode desempenhar um papel crucial na promoção do diálogo e na conscientização sobre questões de gênero. A conclusão da pesquisa ressalta não apenas os resultados quantitativos que destacam a predominância demográfica específica, mas também os dados qualitativos que revelam a escolha consciente de uma ferramenta cultural específica para abordar questões feministas.

No entanto, um profissional em específico mostrou rejeição ao feminismo e a utilização do *chick lit* para a discussão do tema, o que só denota que há ainda a necessidade de evidenciar o assunto no curso de Biblioteconomia, pois mostra um obscurantismo em uma área voltada para a informação, desenvolvida para atuar na área política e social, portanto na promoção de uma sociedade mais justa e igualitária. Outro ponto crítico, a partir dos resultados desta pesquisa, foi a revelação de uma realidade preocupante dentro da comunidade bibliotecária, indicando que apenas um terço dos bibliotecários pesquisados tomaram alguma iniciativa direcionada a atividades que promovem o feminismo na biblioteca. Esse dado sugere uma lacuna significativa na resposta desses profissionais a questões cruciais e urgentes que envolvem a igualdade de gênero, e ao comparar com os outros dados, denota-se que a

área pode estar ciente das discussões de gênero, mas é inerte para fazer alguma mudança significativa, o que corrobora com os estudos de Martins e Ferreira (2018) que apontam que a formação do bibliotecário é voltada para o técnico, enquanto que a formação política é deixada de lado, portanto o que essa pesquisa apresenta é um quadro dessa consequência direta da falta de trabalhar esses temas na biblioteca. Portanto, torna-se necessário a implementação de uma discussão mais imperativa no curso de Biblioteconomia, a partir de uma estruturação de disciplinas ou palestras, rodas de conversa, congressos temáticos com o intuito de contribuir para uma formação política e ativa desse profissional da informação.

A pesquisa oferece contribuição ao meio acadêmico e à área da Biblioteconomia ao propor uma reflexão e promover a abordagem do tema feminismo por meio do uso de ferramentas como o *chick lit*. Essa abordagem não apenas fornece suporte para empoderar jovens, mas também atua como um meio para denunciar o machismo e disseminar os princípios do feminismo. A pesquisa destaca a importância de atividades práticas, como rodas de conversa, clubes de leitura, palestras, exposições e cursos, como estratégias para explorar e disseminar essas questões no fazer do bibliotecário.

A necessidade de novos estudos se destaca como essencial para a ampliação e aprofundamento do tema, permitindo uma compreensão mais abrangente e aprimorada das questões relacionadas ao feminismo no contexto bibliotecário.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia et al. Caminhos do romance no Brasil: séculos XVIII e XIX. **Caminhos do romance**, 2005. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2023.
- ALMEIDA, Rodrigo Estramano de *et al.* **A ficção da realidade: sociologia de O Guarani de José de Alencar**. 2016. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/19581>. Acesso: 23 dez. 2023.
- AUGUSTI, Valéria. O caráter pedagógico-moral do romance moderno. **Cadernos Cedes**, v. 20, p. 89-102, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/pzHwdsd45dNnJcmfKvmK5Fq/?lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2023.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo E Subversão Da Identidade**. Rio De Janeiro, Civilização Brasileira, 2015.
- BRASIL DE FATO. *Há 13 anos no topo da lista: Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo*. Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA**, v. 3, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- BRONTE, Charlotte. **Jane Eyre**. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- BRONTE, Emily. **O morro dos Ventos Uivantes**. Rio de Janeiro: Principia, 2019.
- CANDIDO, Antônio. **O romantismo no Brasil**. Editora Humanitas, 2004.
- CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, v. 2, 1998.
- CRUZ, Patricia Cezar da. **A contribuição do romance-folhetim O Guarani na formação do público leitor brasileiro do século XIX**. [S.l.]: [s.n.], 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/3010>. Acesso em: 15 set. 2023.
- CONJUR. *Casos de feminicídio e violência contra mulher crescem 40% em 2022*, mostra CNJ. Consultor Jurídico. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2023-ago-16/casos-feminicidio-violencia-mulher-crescem-40-justica/?print=1>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- DIOGO, Julia Esteves Fernandes. **Chick lit: a literatura da mulher moderna**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação, Habilitação em Produção Editorial)—Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

DÓRO, Leandro Malósi. **As amarras iluministas: a cultura de massa presa em seus significados e os quadrinhos Marvel**. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/52192956/AmarrasdoB-libre.pdf?1489779395=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAs_amarras_iluministas_a_cultura_de_massa.pdf&Expires=1703984701&Signature=Dw4XK0-5Va9J0SRcSnvTHGADLqLr-03Vz2aFUYXdH5zO7sanS--iBgugoyg39RQB5FynbSt9niKleSgKmjP-Hzw7H4Z-HjSM2b0oGk0MHZFmSD4G12kYIyl~olz8QARkBi1PehqUOg7nujCawuc3V4J86877VorivG7V4jfzY0Al4OzmnQ3ntIU-T3eBlILNpYy4aYkJPbJGDld8ixYhX1S5plRrwaCWCDzPCAIEQ1XiJ-5or9mWa95KVMQ4x0UoLT-ANzROc3ZK7Kfy4P92NB84fN6pK5tTw9w6uWBcdNWvgp46fod6BpDUsjPjQc4zgpwSU9dYcDG2~42Sjm2zA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 13 out. 2023.

FERREIRA, Maria Mary. Bibliotecários e relações de gênero no Brasil e Portugal. **ConCI: Convergências em Ciência da Informação**, v. 2, n. 3, p. 298-322, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/conci/article/view/13713>. Acesso em: 12 dez. 2023

FERREIRA, Maria Mary. **Educação Feminina e Gênero: O Difícil Percorso para Romper com a Submissão das Mulheres**. In: Castro, César (Org.). *Leitura, Impressos e Cultura Escolar*. São Luís: EDUFMA, 2010. p. 249-265.

FERREIRA, Maria Mary. Gênero como Categoria de Análise na Biblioteconomia. In: XVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 1997, São Luís. **Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**. São Luís: APBEM, 1997.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, v. 15, p. 189-201, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/b8fgrXCGZw83LwtjrL3LbcG/?lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2023.

FERREIRA, Maria Mary. Sexualidade, História e relações de gênero: as interferências do patriarcado na educação. In: Machado, Raimunda; Silva, Sirlene (Org.). **Vozes epistêmicas & saberes plurais**. São Luís: EDUFMA, 2019. p.209-226.

FERREIRA, Maria Mary. **Violência de gênero e a cultura patriarcal**: um olhar sobre a contribuição de Helleieth sobre o fenômeno. In: Lima, Greilson; Santos, Maria (Org.). *Saberes e práticas em Ciências Sociais: democracia, desenvolvimento, religião e gênero*. São Luís: EDUFMA, 2018. p.141-156.

GOIS, Giovana Gabrielli Rocha. **Igualdade de gênero e empoderamento feminino como 5º objetivo da agenda 2030 da ONU no Brasil**: ações dos/as bibliotecários/as brasileiros/as. 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/14678>. Acesso em: 25 out. 2023

GOMES, Carolina de Oliveira; THEORGA, Fernando Didio Silva; COSTA, Rafael Rodrigues da. **A invasão das HQ's no mundo televisivo e cinematográfico—uma análise culturológica e transmidiática das produções de super-heróis da Marvel e DC**. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/44472>. Acesso em: 13 out. 2023.

GURGEL, Telma. Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 9, p. 1-9, 2010. Disponível em: https://www.fg2010.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277667680_ARQUIVO_Feminismoelutadeclasse.pdf. Acesso em: 15 out. 2023

HARZEWSKI, Stephanie. Chick Lit and Postfeminism. Estados Unidos: Virginia University, 2011.

HAZELWOOD, Ali. **A hipótese do Amor**. São Paulo: Editora Arqueiro, 2022.

HAZELWOOD, Ali. **A razão do amor**. São Paulo: Editora Arqueiro, 2022.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). Access and opportunity for all: How libraries contribute to the United Nations 2030 Agenda. [s.l.]: IFLA, 2016. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/hq/topics/libraries-development/documents/accessand-opportunity-for-all-pt.pdf>. Acesso em: 24 out. 2023.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. **Anais do Fazendo Gênero**, v. 10, p. 1-10, 2013. Disponível em: <https://bancadafeministapsol.com.br/wp-content/uploads/2021/02/transfeminismo-jaqueline-de-jesus.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

LAMAS, Thaís. As dimensões políticas da Biblioteconomia no Brasil. **Formação e atuação política na biblioteconomia**. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. Disponível em: <https://abecin.emnuvens.com.br/editora/article/view/213>. Acesso em: 20 out. 2023.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MACHADO, Elisa Campos; ELIAS JUNIOR, Alberto Calil; ACHILLES, Daniele. A biblioteca pública no espaço público: estratégias de mobilização cultural e atuação sócio-política do bibliotecário. **Perspectivas em ciência da informação**. [S.l.]: [s.n.] v. 19, p. 115-127, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/8bvbmCWcDDVZdpDFfnRzn5B/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 20 de out. 2023.

MADALENA, Emanuel; BAPTISTA, Maria Manuel; MATOS, Fátima Ney. Estagiárias e Milionários: as ocupações profissionais das personagens da literatura erótica. **In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS CULTURAIS**, 5., 2016, Coimbra. Atas [...]. Coimbra: Grácio Editor, 2016. v. 2. Disponível em: http://mariammanuelbaptista.com/pdf/18_VCIEC_port_vol2.pdf#page=50. Acesso em: 12 out. 2023.

MARTINS, Carlos Welligton Soares; FERREIRA, Maria Mary. **Bibliotecária(o)s na Política: perfil da(o)s profissionais bibliotecária(os) nas eleições municipais brasileiras**

de 2016. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. Disponível em:
<https://abecin.emnuvens.com.br/editora/article/view/213>. Acesso em: 20 out. 2023.

MATVIJEV, Marta. Para uma definição da chick lit portuguesa: análise da recepção crítico-literária e interpretações de leitores da narrativa feminina portuguesa contemporânea. **E-Revista de Estudos Interculturais**, [S.l.]: [s.n.] n. 3, 2015. Disponível em:
<https://parc.ipp.pt/index.php/e-rei/article/view/3919>. Acesso em: 11 de out. 2023.

MELO, Cimara Valim de. Transgressão x importação: O romance em foco. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 12, n. 1, p. 77-86, 2007. Disponível em:
<https://core.ac.uk/download/pdf/229383702.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

MILANESI, L. **O que é biblioteca?**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.16-18.

MULLER, Luciana Kramer Pereira; MARTINS, Carlos Wellington Soares. UMA PROFISSÃO FEMININA, MAS NÃO FEMINISTA? Representatividade de gênero na gestão dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, p. 92-111, 2019. Disponível em:
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1363>. Acesso em: 22 out. 2023.

MUZART, Zahidé Lupicinacci. Literatura de Mulherzinha. **Revista Labrys: estudos feministas**. [S.l.]: [s.n.], jan./jun. 2007. Disponível em:
<https://www.labrys.net.br/labrys11/ecrivaines/zahide.htm>. Acesso em: 10 out. 2023.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. **Muitas Vozes**, v. 2, n. 2, p. 247-260, 2013. Disponível em:
<https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400>. Acesso em: 23 dez. 2023.

NÓBREGA, Patrícia. A Influência Do Contexto Histórico Nas Interpretações De Capitu: De Adultera A Símbolo De Autonomia. **LEOPOLDIANUM**, v. 43, n. 119-20, p. 26-26, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/download/738/620>. Acesso em: 23 dez. 2023.

NOGUEIRA, Michelle Braz; CASTRO, Laura Miranda. O Feminismo na Obra “O Morro dos Ventos Uivantes” de Emily Brontë. **Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade federal do Amazonas-IEAA/UFAM**, 2011. Disponível em:
<https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/d335c40e-1195-4c70-9e79-3b0ec7092288/TCC-Letras-2011-Arquivo.004.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2023.

ONU - Brasil. **Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro, 13 out. 2015. Disponível em:
<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/> Acesso em: 23 out. 2013.

TENÓRIO, Brunna de Oliveira *et al.* **Pop em língua inglesa: o estímulo da música no processo de empoderamento feminino**. 2022. Disponível em
<https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/11807>. Acesso em: 21 dez. 2023.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

POLI, Maria Cristina. Uma escrita feminina: a obra de Clarice Lispector. **Psico**, v. 40, n. 4, 2009. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/3470>. Acesso em: 26 dez.2023.

SALES, Germana Maria Araújo. “Ainda romance”: trajetória e consolidação do gênero no Brasil oitocentista. **FLOEMA. Caderno de Teoria e História Literária**, n. 9, 2011.

SANTOS, Jaqueline Sant’ana Martins dos. Literatura de Mulherzinha: Gênero e individualismo em Romances Chick-Lit. 2016. **Dissertação (Mestrado em Sociologia)** – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/27688720/>. Acesso em: 10 out. 2023.

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do Trabalho Científico**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SCHWANTES, Cíntia. **Dilemas da representação feminina**. repositorio.unb.br, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3734>. Acesso em: 13 out. 2023.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. A “nova” escrita contemporânea de/para mulheres: Relações de gênero, capitalismo afetivos e a literatura “Chick-lit/Soft Porn”. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 47, n. 1, p. e37808-e37808, 2021.

SOARES, Laura Cristina Eiras Coelho. Fragmentos de relações amorosas na contemporaneidade: Literatura “de mulherzinha” e sociedade de consumo. In: EWALD, Ariane Patrícia (org.). **Subjetividade e literatura: harmonias e contrastes na interpretação da vida**. Rio de Janeiro: Nau, 2011. p. 301-330..

VALETIM, Marta. A importância da atuação política do profissional da informação. **Formação e atuação política na biblioteconomia**. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. Disponível em: <https://abecin.emnuvens.com.br/editora/article/view/213>. Acesso em: 20 out. 2023.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. O romance como gênero planetário: a cultura do romance. **Novos estudos CEBRAP**, p. 187-195, 2010.

VELOSO, Isabella Coelho. **Feminismo digital: análise do movimento #metoo no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/28296>. Acesso em: 23 dez. 2023.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade**, v. 17, n.3, 2007. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2015/12/pdf_c146c50a8f_0000016682.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Companhia das Letras, 2019.

WIELER, Bárbara LM; BECKY, Bridget. **Claire, cinderelas modernas: uma identidade feminina construída pela chick-lit**. 2015. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado no curso de pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. L & PM, 2015.

APÊNDICE A – Questionário feito aos (as) Bibliotecários (as) de São Luís

Chick lit como ferramenta para a discussão de gênero

Chick lit é um subgênero do romance que tem como característica principal ser protagonizado por uma mulher que narra suas aventuras e percalços na vida adulta, enfatizando sua vida profissional e amorosa. Exemplos de livros: O Diário de Bridget Jones, Os Delírios de Consumo de Becky Bloom, Melancia, Uma Noite com Audrey Hepburn, O Diabo veste Prada, A Hipótese do Amor, Sem Ofensas, Fazendo meu filme, Poderosa, entre outros.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado(a) Participante

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada A Leitura do Chick lit e suas influências para a Emancipação Feminina: qual é a perspectiva do bibliotecário?; conduzida por Laís Cristina Oliveira Costa, graduanda do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA; sob orientação da professora doutora Mary Ferreira.

Este estudo tem por objetivo: Investigar o fenômeno do chick lit como instrumento nas Bibliotecas Públicas e Privadas de São Luís - MA para fomentar as discussões de equidade de gênero. Nesta pesquisa, a sua contribuição consistirá na participação de um questionário onde a pesquisadora, Laís Costa, apresentará questões fechadas e abertas a serem opinadas pelo entrevistado(a). Esta atividade terá a duração aproximada de 5min.

Como a sua participação nesse estudo é voluntária, você terá a liberdade de decidir não participar, ou ainda, desistir da pesquisa em qualquer momento de sua execução. Todavia, a sua participação neste questionário contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico na área de investigação.

Asseguramos que os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual; visando, desta forma, assegurar o sigilo de sua participação. Assim sendo, comprometo-me que ao tornar públicos, nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos na pesquisa, usarei o mesmo princípio de não identificação individual do participante.

1) Gênero

☐ Feminino

☐ Masculino

2) Faixa-etária

☐ Entre 21 e 30 anos

☐ Entre 31 e 41 anos

☐ Entre 41 e 50 anos

☐ Entre 51 e 60 anos

☐ Entre 61 e 70 anos

3) Qual é a sua cor?

☐ Preto

- ☐ Pardo
 - ☐ Branco
 - ☐ Indígena
 - ☐ Amarelo
- 4) Qual rede de bibliotecas você atua?
- ☐ Pública
 - ☐ Privada
- 5) Você conhece o gênero literário *chick lit*?
- ☐ Sim
 - ☐ Não
- 6) No acervo da biblioteca em que atua, há títulos do gênero literário *chick lit*?
- 7) ☐ Sim
- 8) ☐ Não
- 9) Você considera importante trabalhar temas na Biblioteca sobre emancipação feminina, feminismo, machismo? Justifique.
- 10) Você já organizou na Biblioteca algum evento, palestra, roda de conversa em que se discutiu gênero, emancipação feminina, machismo na sociedade?
- ☐ Sim
 - ☐ Não
 - ☐ Se sim, qual?
- 11) Você considera os livros como ferramentas para explorar assuntos vigentes e relevantes?
- 12) Você utilizaria o *chick lit* para a discussão de gênero, emancipação feminina, feminismo?
- ☐ Sim
 - ☐ Não
- 13) Quais tipos de atividades você sugere para serem implementadas na Biblioteca com o intuito de proliferar o discurso feminista?
- 14) Quais informações dos livros *chick lit* você considera importantes para contribuir ao debate de emancipação feminina?
- ☐ Não tenho conhecimento dessas obras
 - ☐ O protagonismo feminino e suas atribuições na vida moderna
 - ☐ O humor ácido que muitas vezes evidenciam o machismo
 - ☐ Personagens que trabalham, estudam e têm seu próprio dinheiro